

Assalto ao Santa Maria

Guião de

João Nunes

Ideia original de

Vicente Alves do Ó

Versão 5

10 - Fev - 2008

ASSALTO AO SANTA MARIA

FADE IN:

1. GENÉRICO

Montagem de postais ilustrados e fotografias de cruzeiros nas Caraíbas nas décadas de 50 e 60, com destaque para as imagens dos paquetes portugueses Vera Cruz e Santa Maria.

Vemos imagens de destinos paradisíacos; de famílias felizes e turistas animados, gozando os serviços e opções oferecidos pelos grandes navios; de tripulações aprumadas e satisfeitas, ao seu serviço.

Depois deste início colorido e otimista, o tom da montagem começa subtilmente a mudar, conforme se vão introduzindo no meio das imagens idílicas outras fotografias, a preto e branco, de Portugal e das colónias africanas.

São cenas da vida sombria na metrópole e da exploração colonial: repressão policial sobre operários e estudantes; imagens de trabalhadores negros enfileirados; paradas militares; o ditador Salazar a discursar; crianças com fardas da Mocidade Portuguesa e militares a embarcar para as colónias; trabalhadores rurais de ar miserável e emigrantes portugueses pobres, etc.

A música, que começa alegre e jovial - um calipso, talvez? - acompanha esta transformação, ganhando tons progressivamente mais sombrios, até todas as imagens felizes serem substituídas por um retrato mais fiel do Portugal da ditadura.

FADE OUT:

FADE IN:

2. INT. QUARTO DE HOTEL - DIA

Uma nuvem de fumo de cigarro sobe e dança recortada contra o fundo escuro.

HENRIQUE GALVÃO (OFF)

(fala em inglês)

Porque é que o fizemos?

(pausa)

Terá de fazer essa pergunta a cada um de nós.

Vemos agora que estamos num quarto de um bom hotel de estilo colonial. Não é um quarto de luxo, mas quase. Perto de uma parede forrada de papel, num recanto mais sombrio da divisão, um homem está sentado num amplo cadeirão.

Apesar de ainda não o distinguirmos bem, saberemos depois que é HENRIQUE GALVÃO. Não vemos as suas feições, mas percebemos que é alto, magro, na casa dos sessenta anos. Veste um fato de linho claro e segura um cigarro fino que fuma com elegância nos intervalos das suas palavras.

HENRIQUE GALVÃO

Todos tivemos diferentes motivos, razões, objectivos.

À frente de Galvão, noutra cadeirão também imerso na penumbra, está um JORNALISTA americano, homem de 30 e poucos anos, porte atlético e ar compenetrado, que toma notas enquanto ouve o português falar.

3. EXT. SANTA MARIA / CONVÉS - NOITE

No convés do Santa Maria, um grupo de HOMENS FARDADOS, com boinas militares e faixas nos braços, observam enquanto Henrique Galvão e OUTRO HOMEM se abraçam.

HENRIQUE GALVÃO (OFF)

O importante não é porque é que o fizemos.

Vemos algumas caras, todas sérias e compenetradas, que iremos conhecer mais adiante.

HENRIQUE GALVÃO (OFF)

O importante é tê-lo feito.

Uma das caras destaca-se. É um jovem de 20 e tal anos, alto, de feições populares mas bonitas. O seu nome é JOSÉ RAMOS, e a sua expressão tensa...

4. INT. QUARTO DE PENSÃO MODESTA - AMANHECER

... contrasta com o seu rosto sereno, enquanto dorme numa rede estendida entre duas paredes de um quarto triste de uma pensão barata.

HENRIQUE GALVÃO (OFF)

Nós éramos um grupo muito heterogéneo, sabe? Cada um de nós tinha a sua história.

Um outro jovem aproxima-se de Zé Ramos e abana-o suavemente, para o acordar. É JÚLIO, da mesma idade, feições mais vulgares, barba por fazer.

JÚLIO

Acorda, Zé. Já é de manhã.

Zé sacode-o e vira-se na rede. O quarto é grande, uma espécie de dormitório colectivo ocupado pelas redes de VÁRIOS HOMENS de aspecto rude, dormindo pesadamente.

5. INT. QUARTO DE PENSÃO MODESTA / SEQUÊNCIA DE IMAGENS

Zé, em tronco nu, lava a cara numa pia de louça, junto à janela do quarto.

Zé veste uma camisola branca, de alças, e uma camisa usada por cima.

Zé abre um pequeno baú, fechado com cadeado, onde estão os seus poucos pertences. Tira de lá um par de botas de trabalho, e uma boina cinzenta.

Sempre em silêncio, Zé aperta os atacadores das botas. Júlio, já pronto, surge ao seu lado.

6. EXT. PRAÇA DE CARACAS - AMANHECER

Um GRUPO DE HOMENS, amontoado de forma compacta, está de pé num canto de uma praça arborizada da cidade.

Legenda: CARACAS, VENEZUELA

Entre eles destacam-se os rostos fechados de Zé e Júlio, lutando para manter o lugar na primeira fila do grupo.

Legenda: DEZEMBRO DE 1961

À sua frente, estacionada, está uma pequena camioneta de caixa aberta, onde já se amontoam muitos operários.

Zé tenta subir para a camioneta mas um CAPATAZ empurra-o e fecha a porta da caixa. Bate com a mão na caixa de madeira da camioneta, dando sinal ao motorista para pôr o motor em marcha.

CAPATAZ

(em espanhol)

Hoje já chega.

Zé olha para o homem, desalentado.

A carrinha afasta-se deixando para trás aquela massa de trabalhadores, todos com o mesmo ar desesperado e triste.

7. EXT. PRAÇA DE CARACAS - MAIS TARDE

O sol já vai alto, filtrado pelas folhas de uma árvore.

Um pedaço de pão seco e duro é partido ao meio.

Júlio partilha-o com Zé, que está a olhar para cima, para o azul brilhante do céu da Venezuela. Os dois estão sentados no chão, encostados a uma árvore. Comem em silêncio.

Uma FAMÍLIA NUMEROSA passa por eles. Entre todos, uma rapariga em especial chama a atenção de Zé.

É magra, de feições bonitas e sorriso alegre, com o cabelo preto preso numa trança comprida, e não tem mais de 20 anos. O seu nome é ILDA, e leva pela mão a irmã mais nova, CÉLIA, uma fedelha emburrante de 13 anos de idade.

Zé segue-a com o olhar, enquanto se aproximam de uma fonte que adorna o jardim. O chefe de família é um homem alto e forte, que coxeia ligeiramente e se apoia numa BENGALA. Está na casa dos cinquenta e tal anos e vestido demasiado formalmente para o local e temperatura. O seu nome é ALFREDO ENES.

JÚLIO (OFF)

Aquele é que são felizes...

Zé não responde. A família para à frente da fonte, e toma posição, todos lado a lado. Além de Ilda e Célia vemos também AMÁLIA, a mãe das jovens, uma senhora distinta e um pouco mais nova do que o marido, e IVONE, uma tia gordinha e afoqueada, que se abana desesperadamente com um leque sevilhano.

JÚLIO (OFF)

Quando saírem daqui vão a um restaurante fino, comer um bom *pabellón*...

ZÉ

(interrompendo-o)

Escuta! São portugueses.

Os dois olham para a família. Alfredo está a esticar um tripé para colocar uma MÁQUINA FOTOGRÁFICA.

JÚLIO

Que boa vida. Devem ser ricos...

ZÉ

Ninguém é feliz só por ser rico.

Alfredo, nervoso, prende a máquina ao tripé e espreita pelo visor. Os familiares estão incomodados, ao sol.

AMÁLIA

Apresse-se, Alfredo.

ALFREDO

Calma, calma!

Ajusta o foco, revê novamente a composição, e carrega no obturador automático. Depois, coxeando, apressa-se a tomar lugar ao lado da esposa.

Subitamente, Zé levanta-se e sacode as mãos das migalhas de pão seco. Coloca a boina na cabeça.

ZÉ

Anda.

JÚLIO

Fazer o quê?

ZÉ

É melhor vires...

Começa a dirigir-se na direcção da família, que pausa para a foto com sorrisos de ocasião.

Júlio levanta-se, também, e ajeita a sua boina.

O OBTURADOR DISPARA, e o momento fica registado para a posteridade.

Alfredo dá um passo na direcção da sua máquina fotográfica, mas...

...Zé corre e antecipa-se. Num movimento rápido agarra na máquina e no tripé e - ala que se faz tarde!

Alfredo e a família ficam sem palavras, olhando surpreendidos para o rapaz que se afasta a correr. Depois o homem reage, dirigindo-se na direcção de Júlio.

ALFREDO

Ladrão! Agarra que é ladrão!

As palavras do homem irado despertam Júlio da sua surpresa e o jovem, segurando na boina com a mão, corre atrás de Zé.

8. INT. LOJA DE FOTÓGRAFO - DIA

Umhas mãos de dedos amarelados contam algumas notas de Bolívares.

Estamos numa sala escura, com um balcão de madeira antigo sobre o qual estão a máquina e o tripé roubados. As paredes estão cobertas de armários com outras máquinas fotográficas, e quadros que exibem

as capacidades artísticas do FOTÓGRAFO. Este é um velho de óculos grossos e cigarro sempre ao canto da boca.

FOTÓGRAFO

(em espanhol)

Aqui têm...

Estende o dinheiro a Zé, que o recolhe sem contar. Júlio assiste a tudo, nervoso. Zé retira uma nota e pousa-a no balcão.

ZÉ

Revele as fotografias, Don Luíz. Quero ficar com elas...

O fotógrafo sorri e guarda a nota.

9. INT. TASCA - NOITE

Zé e Júlio comem com apetite evidente uma pratada de *pabellón*, um prato típico da Venezuela. Júlio enche o garfo de feijão castanho e carne desfiada, e atafulha a boca de comida.

Zé molha um pedaço de pão no molho e observa a cara do amigo.

ZÉ

Estás a ver? Não é preciso ser rico para ser feliz.

Júlio limpa a boca com as costas das mãos e enche mais uma garfada.

JÚLIO

O que é que vais fazer com o teu dinheiro?

Enche de novo a boca. Zé brinca com a comida.

ZÉ

Não sei...

(pausa)

Uns sapatos. Acho que vou comprar uns sapatos. Estes não servem para a festa do Clube Português.

Júlio espreita para baixo da mesa, para as BOTAS ESTAFADAS do amigo.

JÚLIO

Mas servem para correr...

Zé ri e come uma garfada de comida.

10. INT. CLUBE PORTUGUÊS / SALA DAS BEBIDAS - NOITE

Um PAR DE SAPATOS de verniz, novos, rebrilhantes.

Zé, vestido com a sua melhor roupa (que não é muito boa) espera uma bebida servida por um CRIADO fardado.

Estamos no Clube Português, uma vivenda onde os emigrantes bem sucedidos em Caracas se reúnem regularmente, e abrem as portas aos mais pobres uma vez por ano. Hoje é essa vez.

Zé recebe a bebida e olha em redor. VÁRIOS HOMENS de ar próspero falam discretamente, fumando charuto. A figura humilde de Zé contrasta com as deles.

O jovem aproxima-se de uma janela e espreita para o jardim luxuriante que se vislumbra no exterior. O seu olhar é sempre mais sério do que se esperaria na sua idade.

Subitamente, Júlio surge ao seu lado, com ar assustado.

JÚLIO

Zé, Zé...

Zé olha-o, interrogativo.

JÚLIO

Nem imaginas quem está aqui.

Arrasta o amigo para perto da porta da sala.

JÚLIO

Olha ali.

Zé espreita pelo vão da porta e recua logo um passo.

PONTO DE VISTA DOS DOIS: na sala contígua Alfredo, de braço dado com a esposa, cumprimenta um OUTRO CASAL. Enverga a farda de gala do exército português, com as divisas de tenente-coronel.

Zé esconde-se atrás da porta.

ZÉ

Porra! O gajo é tropa. O que é que ele faz aqui?

Volta a espreitar pelo vão da porta, desta vez com mais cuidado. Júlio estica-se para ver por cima do seu ombro. Subitamente...

ILDA (OFF)

Onde é que está a minha máquina?

Os dois jovens viram-se, atrapalhados. Ilda, de braços cruzados, enfrenta-os com ar ameaçador.

ILDA

Não ouviram? Onde é que ela está?

Esta última frase soa bastante mais alto.

11. INT. CLUBE PORTUGUÊS / SALA PRINCIPAL - AO MESMO TEMPO

Na sala do lado, Alfredo olha na direcção da filha. Faz uma expressão de estranheza, à qual se segue um vislumbre de reconhecimento quando o seu olhar se cruza...

...com o de Zé, que espreita por cima do ombro na sua direcção.

ALFREDO

Você aí...

Dá um passo na direcção da porta, que ainda está a alguns passos de distância.

12. INT. CLUBE PORTUGUÊS / SALA DAS BEBIDAS - AO MESMO TEMPO

Zé fixa Ilda nos olhos.

ZÉ

Obrigado!

Os dois contornam a jovem, que se afasta para os deixar passar, com um sorriso malicioso no rosto, e correm para a porta do corredor.

ILDA

De nada!

O pai de Ilda surge na porta da sala, com outro CAVALHEIRO ao lado, a tempo de ver os dois jovens desaparecerem no corredor.

13. INT. CLUBE PORTUGUÊS / CORREDOR - MOMENTOS DEPOIS

Alfredo e o seu companheiro de ocasião surgem no corredor e olham na direcção onde Zé e Júlio desapareceram.

Três portas abertas perfilam-se ao longo do corredor.

Os homens estugam o passo até à primeira porta e espreitam...

... para uma sala cheia de CASAIS. Não há sinal dos jovens.

Dirigem-se à segunda porta. Um CRIADO sai com um tabuleiro com bebidas, que lhes oferece. Os homens mandam-no sair da frente com um sinal...

ALFREDO

Saia da frente, homem!

...e espreitam para a segunda sala. Uma vez mais, não se vê rasto de Zé e Júlio.

Olham para a terceira e última porta, e depois um para o outro.

14. INT. CLUBE PORTUGUÊS / BIBLIOTECA - MOMENTOS DEPOIS

Alfredo e o outro homem surgem à porta de uma sala-biblioteca, e espreitam para o interior.

A sala está vazia, à exceção de um homem que está de pé, de costas, perto de uma estante, consultando um livro de encadernação de couro. Tem um cigarro na mão, que fuma com tranquilidade.

Alfredo entra na biblioteca.

ALFREDO

Não viu dois malandros a fugir?

O homem vira-se. É Henrique Galvão.

HENRIQUE GALVÃO

Desculpe...?

Henrique dá um trago no cigarro.

O segundo homem entra na sala e dirige-se à janela que dá para o jardim, que está aberta. Debruça-se na pequena varanda e espreita para fora.

Alfredo semicerra os olhos e fixa Galvão.

ALFREDO

Você não é...?

HENRIQUE GALVÃO

Sim.

O amigo de Alfredo volta a entrar na sala.

AMIGO

Fugiram.

ALFREDO

Vamos embora!

Vira as costas a Galvão e afasta-se, com ar de desprezo.

Galvão sorri e aproxima-se de uma mesa de canto, coberta por uma toalha pesada que se estende até ao chão. Pousa o livro em cima da mesa e dá outra baforada no cigarro.

HENRIQUE GALVÃO

Podem sair.

Após um momento, as saias da mesa agitam-se e Zé e Júlio saem de gatas, com ar desconfiado. Galvão não olha sequer para eles, e passa uma folha do livro.

Zé tira a boina do bolso e cobre a cabeça.

ZÉ

Obrigados, senhor. A gente...

Galvão interrompe-os com um gesto com a mão com que segura o cigarro, e folheia outra página, desinteressado das explicações.

Zé e Júlio entreolham-se e depois correm para a janela. Júlio salta para o jardim; Zé, antes de fazer o mesmo, volta a olhar para o seu misterioso salvador, que continua imerso nas páginas do livro.

~~15. EXT. RUA DE CARACAS - NOITE~~

~~16. EXT. PENSÃO MODESTA / RUA - AMANHECER~~

17. EXT. PRAÇA DE CARACAS - MANHÃ

A carrinha de caixa aberta arranca levantando poeira. Zé e Júlio ficam uma vez mais para trás.

Zé limpa a cara com as mangas da camisa.

18. INT. LOJA DE FOTÓGRAFO - TARDE

As fitas penduradas que protegem a porta da loja afastam-se para deixar entrar Zé. O jovem tira a boina e pisca os olhos, tentando habituar-se à penumbra do interior.

ZÉ

Está alguém?

FOTÓGRAFO (OFF)

Cá dentro.

19. INT. LOJA DE FOTÓGRAFO / LABORATÓRIO - MOMENTOS DEPOIS

A luz vermelha do laboratório de fotografia mal deixa ver as feições do fotógrafo - a ponta do seu cigarro brilha forte.

O homem segura uma fotografia com uma pinça, mexendo-a no tabuleiro do fixador. Outras fotografias ainda húmidas estão penduradas num estendal que atravessa a sala de um lado ao outro. Em outros fios, mais fotografias já secas esperam ser colhidas pela mão do fotógrafo.

Zé olha em redor, fascinado com tudo aquilo.

FOTÓGRAFO

As tuas fotografias estão ali.

O fotógrafo acende uma luz fraca no tecto e aponta um envelope em cima de uma prateleira. O rapaz dirige-se para lá, abre o envelope e folheia as fotografias. Vemos a primeira: A FAMÍLIA DE ILDA, em pose, com a fonte por trás.

Zé sorri e passa as outras fotografias. Pára numa: é UM RETRATO DE ILDA, dos ombros para cima, olhando para a câmara com um sorriso provocante.

O fotógrafo fala sem interromper o que está a fazer.

FOTÓGRAFO

Ela é bonita, não é?

(pausa)

O fotógrafo não é bom, mas ela salva as fotografias. Há quem tenha esse dom...

Zé coloca de novo as fotos no envelope e guarda-o no bolso.

ZÉ

É difícil ser fotógrafo?

Começa a passear no meio das fotos penduradas, inspeccionando-as com curiosidade.

FOTÓGRAFO

Se tiveres alma de artista, não. Tens alma de artista, moço?

ZÉ

Não sei. Acho que não...

Pára em frente de algumas fotos penduradas e franze o sobrolho.

ZÉ

Estas aqui - foi você quem tirou?

O fotógrafo olha de relance para ele.

FOTÓGRAFO

Não me insultes, moço. Isso são fotos de polícia, não de artista.

Vemos então as fotos em questão: são imagens de Henrique Galvão, fotografado com teleobjectiva, à distância.

ZÉ

Quem é este homem, você sabe?

FOTÓGRAFO

Um político qualquer, exilado. É português, como tu.

ZÉ

A polícia anda atrás dele?

FOTÓGRAFO

Só a portuguesa. Vêm buscar essas fotografias logo à tarde.

Zé olha discretamente para o fotógrafo, e surripia uma das fotografias de Henrique Galvão.

ZÉ

Tenho que ir, Don Luiz. Obrigado.

Sai apressado, deixando o fotógrafo imerso no seu trabalho.

20. EXT. RUA DA LOJA DO FOTÓGRAFO - TARDE

Um homem baixo, entroncado, de bigode farto, sai da loja de fotografia verificando algumas fotos, que guarda depois num envelope de papel. Tem uma máquina fotográfica a tiracolo, mas não consegue disfarçar a sua condição de AGENTE DA PIDE. Põe-se em movimento ao longo da rua, caminhando com passo miúdo mas rápido, e limpando a testa com um lenço aos quadrados.

Zé sai da sombra de uma viela e começa a segui-lo discretamente.

~~**21. EXT. OUTRA RUA DE CARACAS - TARDE**~~

22. EXT. AINDA OUTRA RUA DE CARACAS - TARDE

Zé continua a seguir o pide. Este olha para trás e Zé disfarça, fingindo espreitar uma montra.

O pide recomeça a andar e Zé volta a pôr-se em movimento. Passado alguns metros o jovem é obrigado a parar de novo, porque o outro homem se escondeu atrás de uma esquina e ergueu a máquina para tirar uma fotografia.

Zé acompanha o seu olhar e...

... vê Henrique Galvão no outro lado da rua, numa pequena esplanada de café. Está a ler um jornal diário venezuelano, absolutamente alheio ao facto de estar a ser seguido e fotografado.

Zé abriga-se na ombreira de uma porta e fica a observar a situação.

23. EXT. AINDA OUTRA RUA DE CARACAS - ANOITECER

A noite começa a estender as suas garras sobre a cidade. Henrique Galvão vê as horas num relógio de bolso, olha em redor e ergue-se. Joga uma nota sobre a mesa e põe-se em movimento.

O pide sai do seu esconderijo para o seguir.

Zé endireita-se e, puxando a boina para cima dos olhos, faz a mesma coisa.

~~24. EXT. NOVA RUA DE CARACAS - NOITE~~

25. EXT. RUA POUCO MOVIMENTADA - NOITE

Entram numa rua quase despovoada no centro antigo da cidade.

Uma PROSTITUTA fala com um CLIENTE debaixo da luz crua de um candeeiro de rua. Um MENDIGO dorme no chão, agarrado a uma garrafa vazia.

Henrique Galvão dirige-se à entrada de um prédio modesto e abre a porta. O pide esconde-se na sombra e Zé faz o mesmo.

Henrique perscruta a rua e depois entra no prédio. Zé mantém-se escondido. O pide volta a sair da sombra e consulta o relógio. Depois afasta-se com o seu passo curto e rápido.

Zé hesita, sem saber o que fazer. Nesse momento ouve UM RUÍDO mesmo atrás de si. Vira-se, mas apenas tem tempo de ver...

... um VULTO que o agride violentamente com uma MATRACA.

~~26. EXT. RUA POUCO MOVIMENTADA - MAIS TARDE~~

NEGRO ABSOLUTO

Ouvimos vozes abafadas, PALAVRAS soltas em espanhol e português; silêncio; depois o ruído de um CARRO QUE SE PÕE EM MARCHA; uma PORTA DE CARRO que bate; mais CONVERSAS imperceptíveis. Por fim, UM SILÊNCIO mais longo.

27. INT. CAVE - INDETERMINADO

Zé abre os olhos com dificuldade. Tem a cara suja de sangue seco, que escorreu de uma ferida profunda aberta na sua frente.

Franze a testa, incomodado com a dor de cabeça que está a sentir. Mexe-se, tentando avaliar a sua situação: está amarrado de mãos e pernas a uma cadeira maciça de madeira, numa cave escura. A única luz vem de uma lâmpada pendurada num fio eléctrico, por cima de umas escadas que desaparecem no escuro.

Apesar de escassa, a luz chega para ver que as paredes da cave estão cobertas de PAPÉIS, RECORTES DE JORNAIS, FOTOGRAFIAS e PLANTAS de um grande navio, ESQUEMAS desenhados em folhas de papel, e LISTAS. Uma grande mesa de madeira, no centro da sala, também está coberta de papelada.

Zé tenta libertar-se das cordas, mas está bem amarrado e as forças faltam-lhe. Fecha os olhos de novo.

28. NEGRO

Ouvimos uma porta que bate e passos que descem uma escada. Soam novamente vozes abafadas, PALAVRAS soltas em espanhol e português. Pouco a pouco estas palavras tornam-se perceptíveis.

SOTOMAIOR (OFF)

(em espanhol)

O que fazemos com ele?

29. INT. CAVE - MAIS TARDE

Henrique Galvão e outro homem observam Zé, que ainda está de olhos fechados.

HENRIQUE GALVÃO

Acorda-o. Vamos conversar...

O companheiro de Galvão é um homem magro, de cabelo curto e pele morena. Vimo-lo antes, apenas de relance, quando agrediu o jovem. Tem cinquenta e poucos anos, o ar duro de muitos espanhóis da sua idade, e chama-se SOTOMAIOR.

Um terceiro homem, meio sentado na mesa, fuma um cigarro. É português, mais jovem, e tem um olhar simpático. O seu nome é MORTÁGUA.

Sotomaior abana Zé pelo ombro. Depois dá-lhe uma ligeira estalada na cara.

SOTOMAIOR

Desperta, puto!

Zé abre os olhos com dificuldade. Olha para cima, assustado. O seu olhar procura o de Henrique, mas o homem vira-lhe as costas.

SOTOMAIOR

Vamos falar, garoto. Porque andas a seguir o capitão?

ZÉ

Eu não estava a...

SOTOMAIOR

(interrompendo-o)

Não mintas, puto! Estavas sim.

Debruça-se para ele, ameaçador.

SOTOMAIOR

Há vários dias, para mais. Porquê?

ZÉ

Não é verdade. Não sou eu - eu só queria avisar o senhor que está a ser seguido.

Sotomaior ri-se.

SOTOMAIOR

Pois está... por ti.

ZÉ

É outro homem - um polícia. Português.
Juro que estou a falar verdade!

Galvão vira-se de novo para eles. Cruza os braços e observa Zé com curiosidade. Sotomaior tira do bolso a fotografia de Henrique Galvão que Zé roubou ao fotógrafo.

SOTOMAIOR

E isto, como explicas?

ZÉ

Foi esse homem que tirou...

Sotomaior dá-lhe uma estalada violenta.

SOTOMAIOR

Já disse para não mentires, garoto!

Galvão adianta-se e coloca um braço no ombro de Sotomaior, acalmado-o.

HENRIQUE GALVÃO

Sotomaior...

O espanhol endireita-se, zangado. Galvão puxa uma cadeira e senta-se em frente de Zé.

HENRIQUE GALVÃO

Sabes quem eu sou, rapaz?

ZÉ

Não, senhor.

HENRIQUE GALVÃO

O meu nome é Henrique Galvão. Sou capitão do exército português, estive preso durante sete anos por motivos políticos, fugi da prisão e estou aqui exilado.

(pausa)

Percebes porque é que tenho que ser desconfiado, não percebes?

ZÉ

Percebo, sim, mas juro que é verdade.

HENRIQUE GALVÃO

Um polícia, dizes tu? É um tipo baixinho, de bigodes?

ZÉ

É esse mesmo. Foi ele que lhe tirou fotografias, senhor...

HENRIQUE GALVÃO

(interrompendo-o)

Capitão.

(pausa)

E tu querias avisar-me, é isso?

ZÉ

O senhor ajudou-me.

Henrique olha para Sotomaior, que está de braços cruzados, desconfiado. Depois olha para Mortágua, que encolhe os ombros. Levanta-se e dirige-se para as escadas.

HENRIQUE GALVÃO

Vou mandar trazer-te água. Deves estar com sede.

Os outros dois homens seguem-no.

30. INT. CAVE - MAIS TARDE

Zé, de cabeça tombada, dormita amarrado à cadeira. A porta bate de novo e o rapaz desperta assustado.

Mortágua vem na sua direcção com uma FACA DE MATO na mão. Zé engole em seco e o outro homem sorri.

MORTÁGUA

Não te assustes, miúdo. As tuas informações bateram certo.

Debruça-se sobre as costas de Zé e corta as cordas que o seguram. Zé esfrega os pulsos doridos.

ZÉ

Quer dizer que... posso ir-me embora?

MORTÁGUA

E não voltes mais.

Zé ergue-se, ainda inseguro, e olha para a faca que o outro homem segura. Mortágua percebe e espeta a faca no tampo da mesa.

MORTÁGUA

Vá, desaparece.

Zé começa a afastar-se.

MORTÁGUA

O capitão agradece a tua preocupação. Mas não fales nisto a ninguém. Ouviste? A ninguém!

31. EXT. TASCA - DIA

Zé, com a cabeça ligada, come com voracidade enquanto Júlio o observa com ar incrédulo.

JÚLIO

E deixaram-te sair sem mais?

Zé abana a cabeça afirmativamente e volta a encher a boca.

JÚLIO

Porra, tiveste muita sorte.

(pausa)

O que é que achas que eles estão a planear?

ZÉ

Não é uma viagem de turismo, isso tenho a certeza.

Limpa a boca e bebe um golo de cerveja.

JÚLIO

Mas, um assalto...?!

ZÉ

Que mais pode ser? Para que é que eles querem todas aquelas fotos, e plantas do navio?

JÚLIO

Mesmo assim...

Zé recosta-se na cadeira e olha em redor. Fala mais baixo.

ZÉ

E nós vamos juntar-nos a eles.

JÚLIO

Nós?!

ZÉ

Nós. É a maneira de sairmos daqui. Ganhamos algum dinheiro e começamos a vida noutro lado qualquer.

JÚLIO

Estás louco, Zé! A pancada fez-te mal à cabeça.

ZÉ

Passarmos o tempo à espera que aquele filho da puta nos dê trabalho não vai levar-nos a lado nenhum.

Júlio não está muito convencido.

JÚLIO

Mesmo que tenhas razão, mesmo que isso seja uma boa ideia... que não é... como é que vamos fazer para eles nos aceitarem? Já pensaste nisso?

ZÉ

Por acaso, já.

Sorri para o amigo.

~~32. EXT. VIELA ESCURA - NOITE~~

~~33. INT. CAVE ARMAZÉM - MOMENTOS DEPOIS~~

34. INT. AGÊNCIA DE VIAGENS HULTON - MOMENTOS DEPOIS

O fecho de uma porta é forçado e a porta abre-se com violência.

JÚLIO (OFF)

Porra, Zé! Não faças barulho!

Zé e Júlio penetram num espaço que, pouco a pouco, vamos percebendo tratar-se de um escritório de uma agência de viagens - a Hulton. Tem um balcão de madeira pesado, com *posters* de destinos turísticos da época. Olham em redor.

Algumas secretárias de madeira estão espalhadas pela sala, e uma grande montra de vidro, que dá para a rua principal, deixa entrar uma réstea de luz.

No centro da sala podemos ver o principal pólo de atracção da loja: uma vitrina de vidro dentro da qual expõem orgulhosamente uma MAQUETA À ESCALA DO PAQUETE SANTA MARIA.

Os dois rapazes ficam em silêncio durante alguns segundos, olhando maravilhados para o navio.

JÚLIO

É este de certeza?

ZÉ

(afirmativo)

Hmm hmmm...

JÚLIO

Porra, é maior do que eu pensava.

Um carro passa no exterior da loja e, por um momento, os seus faróis iluminam a maqueta do navio. Zé e Júlio agacham-se, fugindo à luz.

ZÉ

Vai ver se vem alguém.

O amigo avança de cócoras para perto da montra e espreita para o exterior.

JÚLIO

Está vazia.

Zé, cuidadosamente, ergue a tampa superior da vitrina e olha...

35. INT. CAVE - NOITE

... para a maqueta do navio. Só que, agora, ela está em cima de uma mesa de madeira, na cave dos conspiradores.

Henrique Galvão, de mãos na cintura e um ligeiro sorriso irónico no rosto, olha para o modelo do Santa Maria.

Zé e Júlio, enrolando nervosamente os seus bonés, esperam o veredicto do capitão.

São observados por Sotomaior e Mortágua, aos quais se juntaram VELO MOSQUERA, um espanhol intelectual de 45 anos, e JOAQUIM PAIVA, de 35, um português sisudo a quem chamam o "John".

Sotomaior não esconde a sua insatisfação. Está de braços cruzados e ar carrancudo.

SOTOMAIOR

O que fazemos, Henrique?

Galvão, pelo contrário, parece estar satisfeito. Passa a mão pelo casco do navio com suavidade.

HENRIQUE GALVÃO

Não estás a ver-te já ao leme desta maravilha, Sotomaior?

SOTOMAIOR

Se as loucuras destes putos não deitarem tudo a perder.

Henrique vira-se para os dois rapazes e olha-os com ar sério. Júlio engole em seco, mas Zé está mais confiante.

HENRIQUE GALVÃO

O Sotomaior tem alguma razão. O que vocês fizeram foi coisa de doidos.

ZÉ

Só um pouco...

Henrique sorri de novo. Depois fala muito sério.

HENRIQUE GALVÃO

E só nos deixam duas opções: aceitá-los no nosso grupo; ou largar-vos no mato com a garganta cortada.

Júlio olha para Zé, com ar assustado.

36. EXT. MATA NAS MONTANHAS - DIA

Zé está deitado no chão, de barriga para cima, e olhar fixo.

A luz do sol é filtrada pelas árvores altas da floresta tropical.

Zé permanece imóvel até que a voz de Sotomaior o desperta do seu torpor.

SOTOMAIOR (OFF)

Vamos a levantar, seus madraços! Já chega de descanso!

Júlio, que está deitado ao lado de Zé, ergue-se contrariado.

JÚLIO

Já? Porra, este gajo é uma besta.

Zé sorri e ergue-se também. Agarra numa IMITAÇÃO TOSCA DE UMA ESPINGARDA, esculpida em madeira, e dirige-se a Sotomaior.

SOTOMAIOR

Depressa, depressa! Não temos a vida inteira!

Zé e Júlio, que também carrega uma espingarda faz-de-conta, juntam-se a alguns outros HOMENS. Entre eles destacam-se algumas caras que veremos muito ao longo do filme: OLIVEIRA (português, 33); FERMÍN FERNANDEZ (espanhol, 46); ESPARRINHA (português, 23); LUIZ ACKERMAN (espanhol, 21); FRUTUOSO (português, 26); HENRIQUEZ (venezuelano, 31) e VICTOR VELO (espanhol, 17).

Ao lado de Sotomaior está ROJO, um outro espanhol de 40 anos.

ROJO

(em espanhol)

Armas para cima, depressa!

Todos erguem as armas de madeira acima da cabeça, segurando-as com os dois braços.

ROJO

Passo de corrida, já! Um, dois, um, dois, um, dois...

Rojo começa a correr e, um a um, os "recrutas" seguem-no pelo meio de uma trilha na mata. Júlio olha para Zé.

JÚLIO

(em voz baixa)

Só sabe contar até dois.

SOTOMAIOR (OFF)

Júlio!! Vinte flexões, depressa!

Júlio faz ar de vítima e ajoelha-se. Zé começa a correr e olha para trás a tempo de ver Júlio iniciar as flexões, com Sotomaior debruçado sobre ele.

SOTOMAIOR

...três, quatro, cinco...

37. EXT. CAMPO ROCHOSO - DIA

A ponta do cano de UMA CARABINA ilumina-se com um disparo.

Uma nuvem de poeira, distante mais de um metro de um alvo improvisado, assinala o local do impacto do tiro.

Júlio franze o nariz. Está deitado de barriga, em posição de tiro.

SOTOMAIOR

Boa merda de tiro, Júlio. Assim não chegamos a lado nenhum.

Júlio ergue-se para dar a vez a Zé. O rapaz toma a posição e faz pontaria.

SOTOMAIOR

Vamos lá ver se fazes melhor figura.

Zé concentra-se na pontaria – o dedo indicador acaricia o gatilho – semicerra os olhos – prime o gatilho – o cano ilumina-se...

... e uma pequena nuvem identifica o local do impacto – quase no mesmo sítio onde Júlio acertou.

SOTOMAIOR

Estamos bem, estamos! O próximo!

38. EXT. CAMPO ROCHOSO / A ALGUMA DISTÂNCIA - AO MESMO TEMPO

Henrique Galvão observa toda esta cena a partir de um ponto um pouco mais elevado. Está de pé, pernas um pouco abertas, mãos atrás das costas. Ao seu lado um outro homem assiste a tudo numa posição semelhante. Não o vemos ainda de frente.

HUMBERTO DELGADO

Vai avançar com esta gente, Galvão?

HENRIQUE GALVÃO

São os que tenho, general. Não são militares, mas são bons homens.

HUMBERTO DELGADO

É isso que me preocupa: boas intenções e falta de profissionalismo são uma mistura explosiva.

Vemos finalmente a cara do homem que fala. É Humberto Delgado, cinquenta e seis anos, testa ampla e ar sizudo.

HENRIQUE GALVÃO

Ainda temos duas semanas, meu general. A Operação Dulcineia vai ser um sucesso.

Delgado não responde. O olhar dos dois volta a fixar-se nos homens que, lá em baixo, se entregam aos exercícios de tiro. Com um gesto de cabeça, Humberto aponta Sotomaior e Rojo.

HUMBERTO DELGADO

E neles, confia?

HENRIQUE GALVÃO

Com a minha vida.

HUMBERTO DELGADO

Apesar de serem comunistas?

HENRIQUE GALVÃO

Apesar disso!

HUMBERTO DELGADO

E espanhóis?

Henrique Galvão sorri com a provocação do General.

HENRIQUE GALVÃO

Mesmo assim.

(pausa)

Venha comigo, meu general. Vou apresentá-lo aos homens.

Os dois começam a descer a ladeira.

39. EXT. CAMPO ROCHOSO - AO MESMO TEMPO

Sotomaior repara em Galvão e Delgado, que se aproximam.

SOTOMAIOR

Homens, alto. Em... SENTIDO!!!

Todos se colocam em posição de sentido.

HENRIQUE GALVÃO

À vontade.

(aponta Delgado)

Este é o general Humberto Delgado.

O general saúda-os com um sorriso e um aceno de cabeça. Galvão caminha pelo meio dos homens enquanto fala.

HENRIQUE GALVÃO

Se houvesse democracia em Portugal, o general seria o nosso presidente da República. Foi nele que o povo votou, nas últimas eleições. Mas o regime de Salazar roubou-nos mais esse direito - o direito de ter um homem digno e honesto à frente do País.

As cabeças dos homens vão-se virando quando ele passa.

HUMBERTO DELGADO

O povo de Portugal e o povo de Espanha
contam convosco para repôr a justiça. Se
tiverem sucesso...

(hesita)

...quando tiverem sucesso - vamos dar um
golpe mortal nos regimes podres que
acorrentam a península ibérica.

Henrique olha com intensidade os homens que os escutam.

HENRIQUE GALVÃO

Essa é a nossa missão. Esse é o nosso
destino! Viva o general Humberto Delgado!

O grupo reage em uníssonos.

TODOS

Viva!

HUMBERTO DELGADO

Viva a Liberdade!

TODOS

Viva!!!

40. INT. QUARTO DE HOTEL - DIA

O jornalista americano toma notas num bloco. Ouvimos a sua voz
pela primeira vez. Fala num inglês abrasileirado.

JORNALISTA

Não teve medo que o general tivesse
razão? Quero dizer - portugueses e
espanhóis sempre estiveram em guerra. É
histórico.

HENRIQUE GALVÃO

Mas não inevitável.

JORNALISTA

E eles eram comunistas, enquanto o
senhor...

HENRIQUE GALVÃO

(interrompendo)

...sou anti-comunista. Sim, sempre fui
anti-comunista. Mas tempos de excepção
exigem medidas excepcionais. E pessoas
excepcionais.

Cala-se, perdido por um momento nos seus pensamentos.

41. INT. CAVE - INDETERMINADO

Henrique Galvão está de pé perto da bancada de trabalho sobre a qual está pousada a maquete do Santa Maria.

Tem algumas peças de xadrez - PEÕES - colocados em pontos estratégicos da embarcação. Muda a posição de um deles e observa, pensativo.

Depois olha para as restantes peças, amontoadas na bancada, e remexe-as. Retira um REI. Com um sorriso irónico coloca-o na ponte do navio e acende um cigarro.

ZÉ (OFF)

Dá licença, meu capitão?

Henrique retira o Rei do navio e joga-o para junto das outras peças.

HENRIQUE GALVÃO

Entra, Zé.

Zé desce o resto das escadas que levam à cave trazendo um tabuleiro com um prato de sopa fumegante, um pedaço de pão e um copo de vinho.

ZÉ

Tem aqui o seu jantar, capitão.

Coloca o tabuleiro em cima da bancada e vai buscar uma cadeira.

HENRIQUE GALVÃO

Obrigado.

ZÉ

Já está quase, hem, meu capitão?

HENRIQUE GALVÃO

Quase. Estás nervoso?

ZÉ

Não.

(hesita)

Porquê - devia estar?

HENRIQUE GALVÃO

Um pouco, talvez. Mas não demasiado.

Sorri enquanto se senta no lugar que Zé lhe preparou.

HENRIQUE GALVÃO

Homens como nós vivem para estas ocasiões, sabias? Para os grandes

momentos. O resto do tempo, é só vida. Se a perdermos não perdemos grande coisa.

Zé coça o pescoço. Provavelmente não está a entender metade do que Galvão fala.

ZÉ

Mais alguma coisa, meu capitão?

HENRIQUE GALVÃO

Por acaso, sim. Está aí uma coisa para ti.

Zé acompanha o olhar do capitão e vê o envelope das fotografias.

HENRIQUE GALVÃO

Encontrei isso hoje. Estava perdido para aí...

Zé abre o envelope e procura uma fotografia em especial - a de Ilda. Henrique parece adivinhar.

HENRIQUE GALVÃO

Quem é ela?

ZÉ

Ela? Ninguém...

Henrique sorri gentilmente.

HENRIQUE GALVÃO

Está certo. Para ter um "ninguém" na vida, que seja assim bonita. Podes ir.

Zé retira-se e o olhar de Henrique Galvão volta a pousar no Santa Maria...

42. EXT. PORTO DE LA GUAIRA - NOITE

... que vemos agora atracado no grande porto que serve a capital da Venezuela.

É um navio impressionante - alto, bonito, imponente. A jóia da coroa da marinha portuguesa.

Legenda: PORTO DE LA GUAIRA

O navio apita, enchendo o ar com o som potente que anuncia que a partida está próxima.

43. EXT. PORTO DE LA GUAIRA - MAIS TARDE

Pequenos GRUPOS DE PESSOAS de todas as classes e tipos sociais preparam-se para embarcar no grande paquete.

Legenda: 20 DE JANEIRO DE 1961

Os passageiros e famílias que se acumulam junto ao passadiço da 3ª classe são todos mais ou menos semelhantes: emigrantes que regressam a Portugal ou vão lá rever as famílias, gastando parte considerável do dinheiro que conseguiram amealhar.

Zé e Júlio passam bem despercebidos no meio dessa confusão de gente. Paiva e Victor Velo estão com eles, carregando malas pesadas.

Zé espreita para todo o lado, curioso e excitado.

ZÉ

O capitão não vem connosco?

PAIVA

Schiiuu!

(olha em redor)

Cuidado com as conversas. Há muitos ouvidos por aqui.

VICTOR VELO

(em espanhol)

Só vai embarcar amanhã, em Curaçao. É mais seguro.

Desviam-se de um HOMEM humilde que chora copiosamente abraçado à sua MULHER e FILHOS. Zé fica a olhar para eles. Passado uns momentos, o seu olhar foca no fundo do cais...

... e vê o coronel Alfredo e a família a saírem de um táxi. Ilda desce com uma malinha na mão e um sorriso no rosto.

Zé muda de expressão, abrindo os olhos. Bate discretamente no braço de Júlio, de forma a Paiva e Velo não se aperceberem, e aponta para os recém-chegados.

JÚLIO

Poças... poças! Mas esses gajos não nos largam ou quê?

Paiva olha para eles e os dois amigos disfarçam.

O coronel Alfredo e dois carregadores estão agora a retirar as malas do táxi. Ilda tem uma pequena MÁQUINA DE FILMAR formato 8mm, e está entusiasmada a registar o momento.

Zé não consegue disfarçar um ligeiro sorriso quando olha para ela. Júlio puxa-o pelo braço.

JÚLIO

Anda, não deixes que nos vejam.

A rapariga roda a máquina de filmar na direcção de Zé e o rapaz dá um passo para o lado, escondendo-se atrás de Victor Velo.

Ilda baixa a máquina de filmar e olha na direcção deles, curiosa. Zé e Júlio desaparecem no meio da multidão.

~~44. EXT. SANTA MARIA / PASSADIÇO DE EMBARQUE - NOITE~~

45. EXT. SANTA MARIA / CONVÉS - NOITE

Zé e Júlio, atrás de Paiva e Victor, tentam abrir caminho pelo meio da confusão de gente que enche o convés do paquete. Zé ainda vai olhando para trás, meio assustado, meio ansioso.

46. INT. SANTA MARIA / CABINA ZÉ - NOITE

A porta de uma pequena cabina interior, de 3ª classe, abre-se e deixa entrar Paiva, Victor, Zé e Júlio.

Zé olha em redor, para as instalações exíguas, com dois armários de metal e dois beliches, e sorri. Comparado com o que está habituado, é um luxo.

Júlio corre para um dos beliches e joga o seu saco de lona para a cama de cima.

JÚLIO

Território português!

Paiva fecha e tranca a porta. Depois pousa a mala pesada no chão e abre-a. Victor faz o mesmo.

No interior das malas, embrulhadas em peças de roupa, estão as peças de uma metralhadora, um revólver e vários pentes de munições.

Paiva retira o revólver da mala e olha para os restantes.

PAIVA

Agora já não há voltar atrás.

Os homens entreolham-se, sérios.

~~47. EXT. PORTO DE LA GUAIRA - NOITE~~

~~48. INT. SANTA MARIA / CABINA ZÉ - NOITE~~

49. INT. SANTA MARIA / CABINA ZÉ - MANHÃ

50. EXT. SANTA MARIA / CONVÉS - DIA

À distância vê-se a linha de costa, recortada contra um céu azul cintilante.

Várias PESSOAS de aparência mais humilde passeiam pelo convés de 3a classe. ALGUNS HOMENS jogam às cartas sentados no chão.

Encostado à amurada, Zé olha o horizonte, pensativo. Um vulto vem colocar-se a seu lado, mas Zé não se move.

Ilda olha para o rapaz com curiosidade e um ligeiro sorriso no rosto.

ILDA

Bem me parecia que eras tu.

Zé continua a olhar em frente.

ILDA

O gato comeu-te a língua, foi?

ZÉ

Não vais correr a chamar o paizinho?

ILDA

O meu pai está a jogar bridge com o comandante. Não vou interrompê-lo com uma ninharia qualquer.

ZÉ

É importante, o teu pai, hã...?

ILDA

E tu também não tens para onde ir. Chamá-lo agora, ou daqui a uma hora, vai dar ao mesmo.

Zé olha para ela e fala muito sério.

ZÉ

Numa hora pode acontecer muita coisa. Podes cair ao mar, por exemplo...

ILDA

E quem é que me empurrava? Tu?

ZÉ

Nunca se sabe.

ILDA

(gozona)

Ai, que assustador. Estou cheia de medo.

Zé não aguenta mais a pose e abre um sorriso.

ZÉ

Desculpa ter roubado a máquina.

Zé desvia o olhar da rapariga. Esta continua a fitá-lo, curiosa.

VICTOR VELO (OFF)

Zé!

Os dois olham para Victor, que se aproxima.

VICTOR VELO

Temos de ir, Zé. Estão à nossa espera.

O jovem espanhol olha para Ilda.

ILDA

(para Zé)

Zé, hem...?

(para Victor)

Muito prazer. Eu sou a Ilda.

Estende a mão ao espanhol. Victor aperta-a, surpreendido.

ILDA

Bom... então, adeus!

ZÉ

Só tenho uma hora, é?

Ilda vira-lhe as costas.

ILDA

Aproveita-a bem.

Afasta-se, caminhando com elegância. Victor vem colocar-se ao lado de Zé e os dois olham para a rapariga que se afasta.

VICTOR VELO

Estou impressionado, Zé. Um dia a bordo e já arranjaste uma amiga?

Victor dá-lhe uma palmada nas costas e ambos se afastam rindo.

51. EXT. SANTA MARIA / PASSADIÇO DE EMBARQUE - NOITE

O Santa Maria está no porto de Curaçao. Muitas PESSOAS estão a embarcar e desembarcar - a maior parte deles são TURISTAS AMERICANOS.

Espalhados pelo convés vemos várias caras conhecidas - Zé e Júlio, Victor e Paiva, Mortágua e Rojo, Ackerman e Frutuoso... Estão separados uns dos outros, em pequenos grupos.

Júlio está perto de Zé, debruçados sobre a amurada, olhando para o cais.

JÚLIO

(apontando)

Está a chegar! Está a chegar!

Zé e Júlio endireitam-se para espreitar.

Subindo pelo passadiço da 1ª classe, Henrique Galvão, disfarçado com um chapéu de palha e óculos escuros, avança confiante, seguido de perto por Sotomaior e Velo Mosquera.

Um FUNCIONÁRIO da alfândega de Curaçao recebe-os e confere os seus bilhetes. Olha para o passaporte e para a cara de Galvão, e diz qualquer coisa que Zé não consegue ouvir.

O capitão retira os óculos e enfrenta o olhar do homem. O funcionário volta a olhar o passaporte e depois deixa-os entrar.

Galvão pisa pela primeira vez o convés do paquete Santa Maria. Pára e olha em redor, enchendo o peito de ar. Vê algumas das caras conhecidas que o esperam e faz um ligeiro aceno de cabeça, discreto. Sotomaior e Mosquera ultrapassam-no e fazem-lhe sinal para os seguir. Galvão volta a colocar os óculos e caminha com passo firme pelo convés.

Ao passar por Zé, sorri-lhe. Zé retribui o sorriso com satisfação e fica a olhar o capitão que se afasta.

52. EXT. SANTA MARIA - NOITE

As ondas batem no casco do Santa Maria, que avança rapidamente no mar das Caraíbas.

Legenda: 21 DE JANEIRO, 01H15

A lua em quarto crescente lança reflexos prateados sobre a superfície negra das águas.

~~**53. INT. SANTA MARIA / CABINA SOTOMAYOR - NOITE**~~

54. INT. SANTA MARIA / CABINA ZÉ - NOITE

Zé, Júlio e Victor também estão fardados, ainda sem boinas nem braçadeiras. O jovem espanhol retira uma METRALHADORA, já montada, do armário.

VICTOR VELO

É pesada. Mais pesada do que as que usámos nos treinos.

Estende a metralhadora a Zé, que a sopesa, e retira outra arma do armário: um REVÓLVER.

JÚLIO

E se eles resistem?

VICTOR VELO

Pior para eles...

Faz rodar o tambor, como viu fazer nos filmes de cowboys.

JÚLIO

Cuidado com isso, pá!

Nesse momento a porta abre-se e Paiva entra na cabina, apressado.

PAIVA

Já estão...?

Victor vira-se, assustado, com a arma apontada para o recém-chegado.

PAIVA

Eh... eh...! Atenção aí!

VICTOR VELO

Porra, John! Entras assim, sem bater?

PAIVA

Está na hora.
(para Zé)
Dá-me isso!

Agarra na metralhadora e esconde-a debaixo do casacão que tem vestido.

PAIVA

Vamos embora!

Victor guarda o revólver no cinto das calças, tapado pelo seu blusão. Os dois portugueses entreolham-se. Júlio benze-se com o sinal da cruz.

JÚLIO

Deus nos ajude!

Zé sorri mas Victor abana a cabeça com ar de desprezo.

~~55. INT. SANTA MARIA / CORREDOR DE 3A CLASSE - MOMENTOS DEPOIS~~

56. EXT. SANTA MARIA / CONVÉS - MOMENTOS DEPOIS

O pequeno grupo de conspiradores sai para o convés do navio. Zé olha em redor e vê Ackerman, Rojo e Frutuoso, já à espera.

De outras portas e escadas surgem outros pequenos grupos, com caras conhecidas e desconhecidas. Procuram as sombras para fugir das atenções.

Todos os homens se movimentam devagar, dividindo-se em grupos. Zé e Júlio permanecem juntos, mas Paiva e Victor separam-se deles.

JÚLIO

E agora?

ZÉ

Esperamos.

Um CASAL DE TURISTAS passa por eles. A mulher abana-se com um leque, tentando afugentar o calor. Conversam em voz baixa e nem reparam nos vários homens que se espalharam pelo convés.

Zé olha para baixo. Tem calçados os seus sapatos novos, os que lhe fazem doer os pés. Limpa o peito de um sapato na barriga da outra perna.

Uma porta abre-se e surgem Sotomaior, Velo Mosquera e, depois de um momento, Henrique Galvão. Todos os olhares se concentram neles.

Galvão olha em redor e faz um sinal, rodando o dedo indicador da mão direita na vertical.

ZÉ

É agora.

O silêncio parece ganhar forma, enquanto todos os homens, compenetradamente, colocam nos braços BRAÇADEIRAS verdes e vermelhas e ajeitam as suas BOINAS MILITARES.

Galvão avança um passo na direcção de Sotomaior e abre os braços. Os dois ficam face a face, um pouco desajeitados e depois abraçam-se.

HENRIQUE GALVÃO

Esta é a nossa noite, companheiro. A
noite por que esperámos toda a vida.

Os dois separam-se e Galvão levanta a mão, fazendo sinal para
avançarem. Um grupo de homens coloca-se atrás dele e avançam na
d direcção dos aposentos dos oficiais. Desse grupo fazem parte Zé,
Júlio, Mortágua, Esparrinha, Henriquez e Frutuoso.

~~57. EXT. SANTA MARIA / ESCADAS - AO MESMO TEMPO~~

58. EXT. SANTA MARIA / OUTRAS ESCADAS - AO MESMO TEMPO

Botas e sapatos ressoam pesadamente nos degraus de metal das
escadas de estibordo do navio.

É o segundo grupo, liderado por Sotomaior, e no qual seguem Velo
Mosquera, Rojo, Ackerman, Paiva, Fermin e Victor Velo, entre
outros.

59. EXT. SANTA MARIA / ZONA DOS OFICIAIS - MOMENTOS DEPOIS

Galvão tenta abrir uma porta que liga o convés ao interior do
navio, mas esta está trancada por dentro.

Mortágua olha em redor, nervoso.

MORTÁGUA

O que é?

Galvão tenta novamente. Depois faz sinal com a pistola...

HENRIQUE GALVÃO

Sigam-me!

... e começa a contornar as instalações pelo convés, seguido pelos
restantes. Zé limpa o suor da testa.

~~60. INT. SANTA MARIA / SALA DE TELEGRAFIA - AO MESMO TEMPO~~

61. EXT. SANTA MARIA / CONVÉS DA SALA DO LEME - AO MESMO TEMPO

Entretanto, o segundo grupo chega ao convés adjacente à sala do
leme. Sotomaior leva o dedo indicador aos lábios, pedindo
silêncio. Espreita por uma escotilha.

No interior estão apenas duas pessoas, absolutamente alheias a
todas as movimentações que se passam cá fora: o marinheiro

BELMIRO, de pé, ao leme; e o 3º piloto NASCIMENTO COSTA, sentado numa cadeira, a fumar. O piloto está a falar e o marinheiro ri com alguma coisa que ele terá dito.

Sotomaior faz sinal para o grupo se separar. Metade dirige-se para a porta mais próxima, a outra metade segue-o e contorna a sala do leme em direcção a outra porta.

Paiva arma a metralhadora, com um ruído seco da culatra.

Victor Velo ergue o seu revólver para perto do rosto e puxa o cão com o polegar, armando-o.

Sotomaior chega perto da outra porta e joga a mão ao puxador.

62. EXT. SANTA MARIA / ZONA DOS OFICIAIS - AO MESMO TEMPO

Uma mão agarra no puxador de uma porta. É a mão de Galvão e, novamente, encontra resistência. Também esta porta está trancada.

HENRIQUE GALVÃO

Poças!

O capitão põe-se de novo em marcha, seguido pelos seus homens.

~~63. EXT. SANTA MARIA / SALA DE TELEGRAFIA - AO MESMO TEMPO~~

64. INT. SANTA MARIA / SALA DO LEME - AO MESMO TEMPO

O segundo grupo irrompe também na sala do leme.

SOTOMAIOR

Quietos! Ninguém se mexa!

A porta do lado oposto abre-se também, entrando os restantes homens do grupo, entre os quais Paiva e Victor.

BELMIRO e NASCIMENTO COSTA são surpreendidos pela entrada dos homens, mas Costa reage com rapidez.

NASCIMENTO COSTA

Quem são vocês.....?

Ergue-se e avança para os intrusos, ameaçador. O marinheiro levanta os braços, assustado. Sotomaior aponta o revólver ao piloto...

SOTOMAIOR

Mãos ao ar!

... mas Nascimento Costa consegue agarrar-lhe na mão e empurrar o braço para cima. Os dois envolvem-se numa luta corpo a corpo e tudo se passa com muita rapidez:

Sotomaior consegue soltar-se do 3º piloto...

... um tiro é disparado e o piloto é atingido.

...o marinheiro Belmiro aproveita para tentar fugir...

... dois homens dominam Belmiro...

... Paiva ergue a metralhadora, ameaçador...

... Victor levanta a sua pistola.

65. EXT. SANTA MARIA / ZONA DOS OFICIAIS - AO MESMO TEMPO

Ouvindo UM TIRO, ao longe, Galvão vira-se de repente, de olhos muito abertos.

HENRIQUE GALVÃO

Depressa! Sigam-me!

66. INT. SANTA MARIA / SALA DO LEME - AO MESMO TEMPO

Nascimento Costa recua, cambaleando. Foi atingido no peito e num braço, e as MANCHAS DE SANGUE começam a espalhar-se na sua camisa branca.

SOTOMAIOR

Cessar fogo!!!

Nascimento Costa dá dois passos em direcção a uma porta interior da sala do leme.

A porta abre-se e surge o praticante de piloto JOÃO SOUSA, com ar absolutamente incrédulo. O 3º piloto tomba à sua frente.

SOUSA

Nascimento...?!

Sotomaior aponta-lhe o revólver...

... e Victor vira também o revólver na sua direcção.

~~67. EXT. SANTA MARIA / ZONA DOS OFICIAIS - AO MESMO TEMPO~~

~~68. INT. SANTA MARIA / SALA DE TELEGRAFIA - AO MESMO TEMPO~~

69. INT. SANTA MARIA / CABINA DO COMANDANTE - AO MESMO TEMPO

Uma luz de cabeceira acende-se.

O COMANDANTE MAIA senta-se na cama. É um homem encorpado, cujos cabelos grisalhos já começam a escassear.

Olha em redor, meio estremunhado, e ergue a cabeça para tentar ouvir melhor.

70. EXT. SANTA MARIA / ZONA DOS OFICIAIS - MOMENTOS DEPOIS

O piloto Sousa desce rapidamente as escadas que conduzem da ponte à zona dos oficiais. Vem com os passos meios trôpegos e logo percebemos por quê: nas costas tem também uma mancha de sangue que alastra rapidamente.

71. INT. SANTA MARIA / CABINA DO COMANDANTE - AO MESMO TEMPO

O comandante Maia, de pijama, ergue-se da cama e destranca uma porta que dá directamente para o convés exterior.

COMANDANTE MAIA

Mas que raio...?

Abre a porta e espreita para o exterior, a tempo de ver...

72. EXT. SANTA MARIA / ZONA DOS OFICIAIS - AO MESMO TEMPO

... o piloto Sousa a avançar cambaleando a alguns metros de distância.

SOUSA

Meu comandante...

Dois vultos surgem no cimo das escadas. São Paiva e Ackerman. Paiva ergue a metralhadora e dispara mais DOIS TIROS.

Sousa é atingido de novo e cai de joelhos, olhando o comandante.

SOUSA

Eu...

Cai para a frente e os dois vultos começam a descer as escadas de dois em dois degraus.

O comandante Maia bate a porta.

~~**73. INT. SANTA MARIA / CABINA DO COMANDANTE - MOMENTOS DEPOIS**~~

74. INT. SANTA MARIA / CASA DAS MÁQUINAS - AO MESMO TEMPO

O maquinista é um homem baixo, de bigodes fartos, chamado LOPES. Está sentado de cabeça baixa, dormitando, quando o TELEFONE TOCA.

O homem endireita a cabeça, assustado, e olha o telefone. Este toca de novo e ele levanta-se, para atender.

LOPES

Sim? Meu comandante...? Diga...

INTERCALA COM:

75. INT. SANTA MARIA / CABINA DO COMANDANTE - AO MESMO TEMPO

O comandante Maia fala com pressa.

COMANDANTE MAIA

Quem está de serviço?

LOPES

É o Lopes, meu comandante.

COMANDANTE MAIA

Lopes - desligue imediatamente todas as máquinas e feche a casa das máquinas por dentro.

LOPES

O que é que se passa, comandante?

COMANDANTE MAIA

Faça o que eu lhe digo, homem! Não deixe entrar ninguém nem volte a ligar os motores enquanto eu não lhe der ordem!

INTERCALA COM:

~~**76. INT. SANTA MARIA / CASA DAS MÁQUINAS - AO MESMO TEMPO**~~

77. INT. SANTA MARIA / SALA DO LEME - AO MESMO TEMPO

Henrique Galvão, de arma na mão, seguido pelos homens do seu grupo, entra de rompante na sala do leme.

Pára com ar lívido quando vê o piloto Costa tombado no seu próprio sangue, já sem sentidos.

Sotomaior, que está ajoelhado ao lado do ferido, ergue-se. Velo Mosquera, que está a falar com Victor, vira-se. O rapaz está de olhos baixos.

HENRIQUE GALVÃO

O que é que se passou?

SOTOMAIOR

O piloto resistiu, Galvão. Saltou sobre de mim!

HENRIQUE GALVÃO

Sotomaior, ele estava desarmado! Não conseguiram controlá-lo sem tiros?

SOTOMAIOR

Ele foi violento, o estúpido.

Galvão olha em redor e repara em Victor. Velo Mosquera aproxima-se.

HENRIQUE GALVÃO

Quem é que disparou?

(para Velo)

Foi o teu filho?

VELO MOSQUERA

Foi tudo muito rápido, houve vários disparos.

Nesse momento Paiva entra na sala do leme.

PAIVA

Há mais um ferido, lá em baixo!

HENRIQUE GALVÃO

Porra! Devia eu ter feito isto!

Sotomaior não gosta do comentário e prepara-se para responder quando, subitamente, deixamos de ouvir O RUÍDO SURDO DOS MOTORES que, até aqui, esteve sempre presente.

Todos se apercebem de que qualquer coisa mudou.

HENRIQUE GALVÃO

O que é que aconteceu?

SOTOMAIOR

Desligaram os motores.

Galvão não hesita mais. Enfia a sua pistola no cinto e toma o comando da situação.

HENRIQUE GALVÃO

Malandro...

Dirige-se para um telefone que está numa bancada e consulta com o dedo uma lista de números que está afixada na parede. Pára num número e marca-o no telefone.

78. INT. SANTA MARIA / CABINA DO COMANDANTE - AO MESMO TEMPO

O comandante Maia está a terminar de se fardar. Na sua cabina já estão o imediato INÁCIO, um homem muito direito, na casa dos quarenta anos, já fardado, e o médico CÍCERO LEITE.

O telefone TOCA e os três homens entreolham-se. O comandante ajeita a gola em frente ao espelho e deixa o telefone tocar de novo. Só então atende.

COMANDANTE MAIA

Quem fala?

INTERCALA COM:

79. INT. SANTA MARIA / SALA DO LEME - AO MESMO TEMPO

Henrique Galvão está ao telefone. Atrás dele há uma grande azáfama. Próximo vemos Mortágua.

Zé aproxima-se do capitão, para ouvir a conversa.

HENRIQUE GALVÃO

Estou a falar com o comandante Maia?

COMANDANTE MAIA

Sou eu mesmo. Quem é o senhor?

HENRIQUE GALVÃO

Sou o capitão Henrique Galvão, e acabei de tomar posse deste navio em nome da resistência democrática.

COMANDANTE MAIA

Isso é um crime. Pirataria!

Paiva, seguido por um ENFERMEIRO e uma ENFERMEIRA, entra na sala do leme. Trazem uma maca e começam a colocar o piloto Nascimento Costa, que já não se mexe.

HENRIQUE GALVÃO

Chame-lhe o que quiser, mas não tente resistir. Tenho 100 homens armados a controlar todo o navio.

COMANDANTE MAIA

O que é que se passa com os meus homens? Quantos feridos há?

HENRIQUE GALVÃO

(sem responder)

A sua decisão de mandar desligar os motores foi muito infeliz. Sugiro que convoque imediatamente os seus oficiais. Nós iremos ter convosco.

Henrique Galvão faz sinal a Mortágua para o acompanhar.

HENRIQUE GALVÃO

(para Velo Mosquera)

Professor! Venha connosco.

Sotomaior, que está perto do leme, começa também a andar mas Galvão faz-lhe sinal.

HENRIQUE GALVÃO

Tu ficas aqui.

Vira as costas e afasta-se seguido pelos dois homens. Sotomaior olha em redor, despeitado.

80. INT. SANTA MARIA / CABINA DO COMANDANTE - MAIS TARDE

Uma FOLHA DE PAPEL dactilografada e assinada passa de mão em mão.

HENRIQUE GALVÃO (OFF)

Essa credencial, assinada pelo general Humberto Delgado, presidente eleito de todos os portugueses, dá-me poder de administração sobre qualquer parte do território português que eu ocupar e libertar... como é o caso deste navio.

A cabina do comandante Maia está cheia com os vários OFICIAIS do navio, que analisam com curiosidade a credencial e ouvem as palavras de Henrique Galvão.

Galvão está de pé, mãos atrás das costas, acompanhado por Mortágua e Velo Mosquera. Tem a sua PISTOLA enfiada no cinto das calças, e Mortágua carrega uma METRALHADORA pendurada ao ombro.

O comandante Maia também está de pé, assim como o seu imediato. Ouvem em silêncio.

HENRIQUE GALVÃO

O senhor, comandante, e os seus oficiais, têm três alternativas.

Olha para os homens que o ouvem com expectativa.

HENRIQUE GALVÃO

Em primeiro lugar, podem juntar-se à nossa causa e aderir ao movimento democrático para depôr os regimes fascistas de Portugal e Espanha.

Faz uma pausa. Ouvem-se murmúrios e alguns oficiais olham o comandante Maia, mas este continua inexpressivo.

COMANDANTE MAIA

Quais são as outras opções, capitão Galvão?

HENRIQUE GALVÃO

Podem colaborar connosco, sob vigilância, para garantir o bom funcionamento do navio e o menor transtorno possível a todos os passageiros...

COMANDANTE MAIA

Ou...

HENRIQUE GALVÃO

... ou podem recusar qualquer colaboração, e serão tratados como prisioneiros até ao fim da viagem.

A folha da credencial chega às mãos do comandante Maia, que a contempla, pensativo.

HENRIQUE GALVÃO

Se quiser deliberar com os seus homens...

COMANDANTE MAIA

(interrompendo)

Não será precisa qualquer deliberação, capitão. Obviamente, vamos escolher a segunda opção.

Galvão olha em redor, procurando avaliar a reacção dos oficiais. Alguns enfrentam o seu olhar, dois ou três baixam os olhos.

HENRIQUE GALVÃO

Pode estar a desperdiçar a oportunidade de fazer um grande gesto pelo seu país, comandante.

COMANDANTE MAIA

Zelo e honestidade - é tudo quanto temos para lhe dar. Não nos peça mais do que isso, capitão.

O comandante Maia estende-lhe a folha da credencial.

HENRIQUE GALVÃO

Não peço mais - mas não aceitarei menos.

81. INT. QUARTO DE HOTEL - DIA

Henrique Galvão acende mais um dos cigarros finos que fuma sem parar.

JORNALISTA

Acreditou mesmo que alguns dos oficiais se iriam juntar a vocês, mudar as suas vidas, e acabar com os seus empregos, as suas carreiras?

HENRIQUE GALVÃO

Porque não? Eu fiz isso - alguns dos que assaltámos aquele navio fizemos isso. Porque é que entre aqueles homens não poderia haver também alguns sonhadores?

JORNALISTA

Isso parece-me idealismo em excesso, não acha?

HENRIQUE GALVÃO

As pessoas estão sempre a surpreender-nos. Normalmente para pior - aí você tem alguma razão...

(pausa)

...mas, uma vez por outra, de onde menos se espera, vêm-nos sinais de grandeza humana.

Solta uma nuvem de fumo.

82. EXT. SANTA MARIA / CONVÉS - MANHÃ

O dia nasceu sobre o Santa Maria, e à primeira vista tudo parece normal. Os passageiros da 1a e 2a classes, TURISTAS na sua maioria, passeiam pelo convés, conversando e rindo despreocupadamente.

Um olhar mais atento, contudo, revela-nos que, em alguns pontos chaves, se encontram HOMENS FARDADOS, armados, exercendo acções de vigilância.

Zé é um deles. Está perto das escadas que levam ao convés superior, e tem uma carabina pendurada ao ombro. Tenta manter-se discreto, longe das vistas dos transeuntes. Tem um ar cansado, com a barba ligeiramente crescida e olheiras de uma noite mal dormida.

Uma FAMÍLIA de americanos passa por eles. Um RAPAZINHO corre para Zé e aponta a espingarda.

RAPAZINHO

(em inglês)

Essa arma é verdadeira?

Zé não o entende e tenta sorrir, olhando em redor. O PAI do rapazinho aproxima-se e puxa-o pelo braço.

PAI

(em inglês)

O que estás a fazer? Vem...

Olha para Zé e só então repara na carabina que o rapaz tem discretamente colocada de lado.

PAI

Desculpe...

(para o miúdo)

Anda, anda!

O pai afasta-se, arrastando a criança e olhando nervosamente por cima do ombro. Quando se junta à ESPOSA, que empurra um CARRINHO DE BEBÉ, volta a olhar para trás, falando em voz baixa.

Zé acompanha-os com o olhar, mas ouve os PASSOS que descem as escadas e endireita-se, em sentido.

É Henrique Galvão que vem acompanhado por Velo Mosquera, Mortágua, Paiva, Rojo e Júlio.

O capitão vem impecavelmente arranjado: farda passada e vincada, sapatos engraxados, barba feita - quase sentimos o perfume do *aftershave* fresco. Sorri ligeiramente para Zé quando passa pelo jovem e segue, decidido, pelo convés.

Júlio vem render Zé.

JÚLIO

Dá aí a espingarda. Está na hora de ires dormir um bocado.

ZÉ

Para onde é que eles vão com tanta pressa?

JÚLIO

Sei lá! Achas que alguém me diz alguma coisa...?

83. INT. SANTA MARIA / SALA DE REFEIÇÕES PRINCIPAL - DIA

Henrique Galvão e o seu séquito, com as armas bem visíveis, cruzam a porta da sala de refeições principal do Santa Maria, que já está cheia de gente tomando o pequeno-almoço. A sua entrada provoca uma onda de agitação na sala; todas as cabeças se voltam na sua direcção, em uníssonos, e um burburinho abafado sobe no ar. Há preocupação e medo nalguns rostos.

Uma das famílias que reage com espanto à entrada dos revoltosos é a do coronel Alfredo, que ocupa uma mesa num dos lados do grande salão.

AMÁLIA

O que é que se passa, Alfredo? Quem são estes?

ALFREDO

Tenha calma, Amália. Tenha calma.

Galvão e Velo dirigem-se para um palco numa das extremidades do salão, onde há um piano de cauda e alguns instrumentos musicais cobertos com panos. Rojo, Paiva e Mortágua, armados, colocam-se junto às entradas.

ALFREDO

Eu conheço aquele tipo...

ILDA

Quem é, papá?

ALFREDO

Um traidor... e, pelos vistos, pirata também.

O comandante Maia e o seu imediato entram por outra porta e dirigem-se também ao palco. Sobem todos ao mesmo tempo.

Galvão tira uma folha de papel dobrado do bolso, coloca os seus óculos de leitura e bate no microfone.

Zé surge numa das portas do salão e coloca-se ao lado de Mortágua. O seu olhar percorre o interior da sala e fixa-se na mesa de Ilda, que está de olhar fixo em Galvão e ainda não reparou nele.

HENRIQUE GALVÃO

Bom dia a todos. Vou passar a ler um curto comunicado, para o qual peço a vossa atenção.

Faz-se silêncio na sala.

HENRIQUE GALVÃO

Desde a madrugada de hoje que o paquete Santa Maria, da Companhia Colonial de Navegação, está ocupado pelo Directório Revolucionário Ibérico de Libertação, um grupo democrático de portugueses e espanhóis comandado por mim e pelo comandante Sotomaior.

Enquanto ele fala, vemos as reacções dos passageiros e tripulantes do navio:

- a cara fechada do comandante Maia e do imediato Inácio...
- a incredulidade e raiva muda de Alfredo...
- o espanto e consternação de alguns passageiros...
- o meio sorriso enigmático de Ilda...
- a cara de satisfação de MIKE, um americano de 30 anos...
- a surpresa e incompreensão dos outros TURISTAS AMERICANOS que não entendem nada do que se está a passar...
- o orgulho de Zé.

HENRIQUE GALVÃO (OFF)

Ao libertar esta pequena porção do território nacional o nosso objectivo é desencadear em Portugal e Espanha um movimento de luta que em última instância conduza à queda dos regimes ditatoriais que oprimem a península ibérica.

Galvão faz uma pausa para avaliar as reacções da audiência.

HENRIQUE GALVÃO

Reafirmamos a nossa intenção de respeitar os direitos de todos os passageiros deste navio e o nosso desejo de tornar a vossa viagem e vida a bordo tão agradável quanto as circunstâncias o permitirem. Esta mensagem será agora lida em inglês pelo comandante Maia.

Galvão estende o papel a Maia e afasta-se para o lado, para o deixar chegar ao microfone. O comandante, visivelmente nervoso, começa a ler a tradução do comunicado em inglês. As suas palavras ficam a ouvir-se ao fundo.

Na mesa de Alfredo, o coronel está indignado mas Ilda sorri.

ILDA

Sempre vai ser uma viagem diferente...

ALFREDO

Não diga disparates, menina!

Entretanto, Zé volta a olhar para a mesa de Ilda, no preciso momento em que a rapariga, aborrecida com a reacção do pai, olha em redor.

O olhar dos dois encontra-se e Ilda sorri ao ver a farda de Zé. O rapaz abre um sorriso também e pisca-lhe o olho.

Alfredo repara no sorriso da filha e olha na mesma direcção. Reconhece Zé.

ALFREDO

Olha quem é ele.

(para a mulher)

Não é o que eu digo? São pilha-galinhas, gente que enche a boca com a democracia mas só pensa em roubar!

84. EXT. SANTA MARIA / CONVÉS - DIA

Uma longa FAIXA DE PANO é desenrolada no convés do Santa Maria por Zé e Victor. À medida que vai sendo estendida, vão-se lendo as palavras "SANTA LIBERDADE". Os dois riem animadamente, em jeito de brincadeira.

ZÉ

Depressa, depressa!

Grande parte dos homens do DRIL estão em redor, assistindo aquela cerimónia improvisada sob o olhar tutelar de Henrique Galvão e Sotomaior.

O ambiente é de festa e camaradagem; é um momento mágico que deixa brilhantes os olhos de todos, e abertos os seus sorrisos francos.

Por trás deles está um grupo numeroso de PASSAGEIROS de várias nacionalidades que se acotovelam para testemunhar o momento. Alguns tentam fotografá-los mas Rojo faz sinal de que não é permitido tirar fotografias.

Ilda tenta abrir passagem entre eles, para chegar à primeira fila.

Zé e o companheiro terminam de desenrolar a faixa e outros homens avançam para a agarrar e erguer, entre risos e brincadeiras.

Galvão sorri.

HENRIQUE GALVÃO

(para Sotomaior)

Olha para eles. Só por isto já valeu a pena toda esta aventura.

Ilda consegue chegar à primeira fila. Também ela sorri quando vê a animação que reina no local, e que contagiou a assistência.

Ergue ao rosto uma CÂMARA DE FILMAR DE 8MM e começa a registrar o momento em...

...IMAGENS TREMIDAS E ESBATIDAS, mas que testemunham a alegria do momento:

- Zé a trepar à zona da ponte de comando, carregando ao ombro um laço de cabo, procurando o melhor lugar para prender a extremidade da faixa.

- Júlio a trepar do lado oposto, levando também um cabo de amarração.

- Henrique Galvão falando com Sotomaior.

- Ackerman, que coloca as mãos na cintura e ensaia um passo de dança.

- Os homens que se empurram entre si, rindo e tentando ocupar as melhores posições.

- Zé, que lança uma ponta do seu cabo para baixo, depois de o amarrar bem, e começa a puxar a faixa para cima.

- Paiva, que retira a sua boina e, emocionado, coloca a mão direita sobre o coração.

Ilda baixa a câmara e olha fixamente para Zé. O rapaz tirou a camisa e está apenas de CAMISOLA INTERIOR DE ALÇAS. O traje e a situação realçam os seus braços bem musculados.

A faixa é finalmente esticada no pacote e as palavras "Santa Liberdade" são uma proclamação de fé no futuro.

Zé estende um braço para o céu, vitorioso, e repara finalmente em Ilda. Faz-lhe um aceno.

Ilda leva de novo a câmara ao rosto e volta a filmar o sorriso triunfante de Zé.

O aceno do jovem chama a atenção de Rojo, que olha para Ilda e a vê a filmar. O homem corre na direcção dela.

ROJO

Alto aí! Não pode filmar!

Estende a mão e agarra no braço da jovem. Esta resiste quando ele tenta tirar-lhe a câmara da mão.

ILDA

Deixe-me! Bruto...

Zé vê a cena e corre na direcção da confusão. A altercação não escapa ao olhar atento de Henrique Galvão.

Zé chega a Rojo e puxa-o pelo ombro.

ZÉ

Calma, não é preciso isso!

ROJO

Sai da frente, miúdo, eu...

HENRIQUE GALVÃO (OFF)

Rojo!

Os três olham na direcção do capitão.

HENRIQUE GALVÃO

Eu autorizei.

Rojo fica atrapalhado e afasta-se.

ROJO

Não o sabia...

Zé vira-se para Ilda, que está a tremer. A rapariga esfrega o pulso que Rojo agarrou.

ZÉ

Desculpa... ele é um bocado...

ILDA

(interrompendo)

O meu pai tem razão. Vocês são todos marginais.

Vira-se e afasta-se, acompanhada pelo olhar de Zé.

ZÉ

Ilda...

A rapariga não se vira e Zé fica a vê-la afastar-se, desapontado. Olha de novo para a faixa, mas o momento perdeu a sua magia. Henrique Galvão surge ao lado dele e olha também para Ilda.

HENRIQUE GALVÃO

É a moça da foto?

ZÉ

É, sim senhor...

HENRIQUE GALVÃO

O Destino - tem coisas engraçadas.

85. INT. SANTA MARIA / SALA DOS MAPAS - TARDE

Uma mão traça uma linha a lápis, com o instrumento próprio, numa carta marítima.

É Sotomaior, no seu papel de novo comandante do Santa Maria. Henrique Galvão e Velo estão ao lado dele, observando.

HENRIQUE GALVÃO

Quantos dias levaremos a chegar?

SOTOMAIOR

Uma semana.

VELO MOSQUERA

Daqui a três dias dão pela nossa falta em Miami.

SOTOMAIOR

Três dias é suficiente para nos perderem a pista. Ninguém vai imaginar que rumamos a África.

(pausa)

Aposto que os gringos vão mandar toda a armada para Cuba.

Henrique sorri com a ideia.

HENRIQUE GALVÃO

Ainda arranjam um sarilho ao vosso camarada Fidel.

(para Velo)

Temos comida e água suficientes para uma semana?

VELO MOSQUERA

O Rojo e o Mortágua estão a fazer o inventário, mas creio que sim. Na pior das hipóteses faremos um pequeno racionamento...

HENRIQUE GALVÃO

Que seja pequeno - a última coisa que quero é ter a tripulação revoltada por falta de condições.

Sotomaior pousa a sua régua.

SOTOMAIOR

A tripulação não me preocupa, Galvão. Já os passageiros...

(pausa)

Por enquanto esses gringos estão a achar graça a tudo isto. Mas quando lhes cortarmos no champanhe, não sei como será.

86. INT. SANTA MARIA / CABINA DO COMANDANTE - TARDE

O comandante está sentado na sua escrivaninha, a escrever num diário, e Inácio está ao seu lado, de pé.

INÁCIO

Os homens estão a ficar preocupados. Questionam-se se estaremos a seguir para África.

COMANDANTE MAIA

É possível. O Galvão é louco o suficiente para isso...

(pausa)

Mas eles que tenham calma. O que nós não conseguimos fazer pela força, vamos fazer pela manha. Como é que está o Sousa?

INÁCIO

Estável, graças a Deus. O doutor Cícero acha que já não corre perigo de vida.

COMANDANTE MAIA

Bom - então, é melhor trazeres-me cá o bom doutor.

(pausa)

Nesta altura dava-nos muito jeito se o Sousa piorasse.

Inácio franze a testa, sem entender, mas Maia sorri.

87. EXT. SANTA MARIA / CONVÉS - TARDE

Zé caminha pelo convés com Júlio. Vêm com ar jovial.

JÚLIO

Ali - não é a nossa amiga?

Júlio aponta com a cabeça na direcção de Ilda, que está a conversar animadamente com Mike, um americano que já vimos antes na festa. Depois Ilda começa a filmar Mike com a sua pequena câmara.

A expressão de Zé fecha-se.

ZÉ

Só se for tua...

JÚLIO

Anda lá - vamos pedir-lhe para nos filmar aos dois.

Puxa o braço de Zé, arrastando-o na direcção de Ilda e Mike. Zé solta-se do braço de Júlio com um safanão.

ZÉ

Larga-me, Júlio! Esquece essa gente, porra!

Júlio olha para o amigo, surpreendido com a reacção.

88. INT. SANTA MARIA / SALA DE REFEIÇÕES DRIL - NOITE

O ambiente na pequena sala de refeições onde os vários elementos do DRIL comem é bastante animado. Entre as risadas e as conversas bilingues, ouve-se o barulho de louças e talheres.

Um empregado serve abundantemente o prato de Júlio.

JÚLIO

Continua, continua... isso, mais um pouco...

Zé não está tão animado.

ZÉ

Não sei como é que consegues comer tanto.

JÚLIO

Não há fome que não dê em fartura, pá.
(olha o amigo)

E nas mulheres é a mesma coisa. Esquece aquela pespenica - ainda por cima é só ossos...

ZÉ

Tu é que estás sempre a falar nela.

Mortágua, que está sentado ao lado dos dois jovens, vai dizer qualquer coisa, mas nesse momento a porta da sala abre-se e entra Paiva, acompanhado por um homem novo, de ar tímido. É JOSÉ TINOCO, um criado de bordo.

PAIVA

Camaradas, prestem atenção. Um minuto, por favor.

As pessoas olham para os recém-chegados e o barulho ambiente diminui um pouco.

PAIVA

Aqui o camarada Tinoco veio juntar-se à nossa causa. Ele é criado de bordo mas é também um combatente contra o fascismo. Vamos dar-lhe as boas vindas.

Toda a gente aplaude e vários homens levantam-se. Alguns vão abraçar o jovem, que sorri satisfeito.

JÚLIO

Isto é que é. Mais um companheiro de luta. Vamos vencer esta guerra, pá.

Zé encolhe os ombros; aquilo está longe de ser a sua preocupação principal. Júlio procura apoio em Mortágua.

JÚLIO

Não é assim, Mortágua?

MORTÁGUA

Quem dera que tenhas razão, Júlio. Mas não sei... até agora só se juntaram a nós quatro homens. E é tudo criadagem.

JÚLIO

Nenhum oficial?

MORTÁGUA

Nem um para amostra.

O entusiasmo de Júlio esfria de imediato e o rapaz olha para o recém-chegado, que continua a receber abraços efusivos e palmadas nas costas. Depois enfia o garfo no puré de batata e enche a boca. Zé continua calado.

~~89. INT. SANTA MARIA / ENFERMARIA - MANHÃ~~

90. INT. SANTA MARIA / CORREDOR DA ENFERMARIA - MAIS TARDE

Galvão e Sotomaior estão com Cícero no corredor em frente à porta da enfermaria. Através da porta aberta vê-se o piloto ferido, deitado de olhos fechados. Os três estão de semblante pesado.

HENRIQUE GALVÃO

Tem a certeza do que está a dizer, doutor?

CÍCERO

Absoluta. Se ele não for tratado vai morrer.

SOTOMAIOR

E o que é que justifica esse agravamento?

CÍCERO

É impossível dizer ao certo, mas... Nós aqui só lhe podemos dar os cuidados básicos. Pelos vistos não chega.

Galvão vira as costas, pensativo. Os dois olham para ele.

HENRIQUE GALVÃO

O que sugere então?

CÍCERO

Só vejo uma solução, capitão.

Henrique vira-se para olhar o médico.

91. EXT. SANTA MARIA / CONVÉS - DIA

Zé está de guarda às escadas que levam ao convés superior. Tem a espingarda pendurada ao ombro, como já o vimos antes.

Ilda aproxima-se, com a sua sempre presente câmara de filmar. Começa a filmá-lo.

ILDA

Faz adeus para a câmara.

ZÉ

(ríspido)

Pára com isso!

ILDA

Que simpático.

Ilda sorri e Zé olha em redor.

ZÉ

O que é que queres de mim?

ILDA

Ontem... não te agradeci.

ZÉ

Pára com isso, Ilda! Estou de serviço.

Ilda ainda se ri mais por ver a aflição de Zé, e continua a filmá-lo.

ILDA

Ainda te lembras do meu nome. Que bom...

ZÉ

Não tens mais nada que fazer? Vai lá
filmar o teu amigo americano!

Ilda desliga a câmara, agora séria.

ILDA

Eu filmo quem eu quero, ou tenho de te
pedir autorização?

Zé fica surpreendido por esta reacção pronta.

ILDA

Ah, nem sei porque é que vim aqui!
Adeus!

Vira as costas e afasta-se, aborrecida.

ZÉ (OFF)

Ilda!

A rapariga hesita e depois vira-se.

ZÉ

Eu saio às cinco...

Ilda sacode a mão num gesto de enfado, mas quando se vira não
consegue evitar um sorriso.

92. INT. SANTA MARIA / SALA DOS MAPAS - DIA

Velo e Sotomaior estão com Galvão. Mortágua também está presente.

SOTOMAIOR

Não estás a pensar seriamente nisso, pois
não?

HENRIQUE GALVÃO

Acho que devemos considerar a
possibilidade.

VELO MOSQUERA

Se desembarcarmos o ferido vamos
denunciar o nosso plano. Perdemos toda a
vantagem da surpresa.

HENRIQUE GALVÃO

Qual é a ilha mais próxima, Sotomaior?

Mortágua aproxima-se de Galvão.

MORTÁGUA

Henrique, eu acho que eles têm razão.
Vamos deitar tudo a perder...

SOTOMAIOR

Quando entrámos nisto, sabíamos que podia
haver mortos.

HENRIQUE GALVÃO

Uma coisa é matar alguém no calor da
luta; outra muito diferente é deixar um
homem morrer deliberadamente.

VELO MOSQUERA

Nós nem sabemos se ele está mesmo a
morrer.

HENRIQUE GALVÃO

Quem é que vai desmentir a decisão do
médico?

(para Mortágua)

Tu...?

(para Sotomaior)

Tu...?

(pausa)

Eu não vou carregar mais esse peso na
minha consciência.

Bate com a mão em cima da carta de marear.

HENRIQUE GALVÃO

(para Sotomaior)

Vê qual será o melhor porto para fazer o
desembarque. Eu estou na biblioteca.

Vira as costas e sai da sala.

Sotomaior tem um ataque de fúria e com um movimento de mão atira
as cartas e instrumentos de navegação que estão em cima da mesa ao
chão.

93. EXT. SANTA MARIA / CONVÉS - TARDE

Uma mão faz soar um acorde numa viola. Outra mão mistura peças de
dominós em cima de um banco no convés do paquete.

Zé e Ilda estão com Júlio e Victor. Ackerman é o músico do grupo.

ZÉ

Se houvesse jogos olímpicos de dominó,
aqui o Júlio era da selecção
portuguesa...

JÚLIO

E hoje vou dar uma tarefa aos espanhóis.

ILDA

Posso filmar-vos?

JÚLIO

Claro que sim.

Sorri para a câmara enquanto recolhe as suas peças.

ZÉ

Sabes jogar?

ILDA

(sempre filmando)

Não - e tu?

ZÉ

Não tenho paciência.

JÚLIO

O Zé diz que não tem paciência mas não tem é cabeça. Isto não é jogo para todos.

Ilda vira a câmara para Zé.

ILDA

É verdade?

VICTOR VELO

É verdade, sim, eu confirmo.

O som da viola faz-se ouvir sobre todas estas conversas. Ilda filma Ackerman.

ILDA

E você, não gosta de jogar?

ACKERMAN

Só tenho duas mãos.

Zé ri-se com a resposta. O jogo começa e Ilda aproxima a câmara das peças.

ILDA

Como é que isso se joga?

Zé retira a câmara a Ilda.

ZÉ

Dá cá isso. Deixa-me filmar-te agora.

Zé revira a câmara, tentando percebê-la. Ilda ri-se.

ILDA

É só carregar aí, burrinho!

Estende a mão para o ajudar e, por um momento, as mãos dos dois tocam-se. Ilda olha para Zé, provocante.

Zé afasta-se um pouco e...

...filma Ilda. Vemos a rapariga sentar-se no lugar que Júlio lhe cede e sorrir para a câmara. Depois olha para as peças, e concentra-se na explicação de Júlio.

JÚLIO

Tens de escolher uma peça que tenha o mesmo número de pontinhos... essa aí... isso!

Ilda ajeita o cabelo com um gesto elegante. Depois olha de novo para a câmara, pelo canto do olho, e faz uma careta divertida, antes de voltar a prestar atenção ao jogo.

Zé também sorri, feliz, e pára de filmar. Fica a olhar para ela, encantado. Mas o encantamento dura pouco, porque, de repente...

ALFREDO (OFF)

Ilda?! Mas o que é isto?

Todos os olhos se viram para o coronel, que surgiu junto deles. Ilda levanta-se de repente, derrubando as peças no chão.

ILDA

Pai...

ALFREDO

O que é que se passa aqui?

Subitamente reconhece Zé.

ALFREDO

Você?!

Arranca a câmara de filmar das mãos do jovem.

ALFREDO

Essa câmara você não vai roubar.

ILDA

Paizinho, ele...

ALFREDO

Não diga mais nada, Ilda! Já falo consigo.

(para Zé)

E quanto a si - não vejo a hora de o entregar à polícia, como o vulgar larápio que é.

ZÉ

Não vai ser fácil.

Alfredo dá um passo na direcção de Zé e ergue a BENGALA que sempre o acompanha. Ilda agarra no braço dele.

ILDA

Papá, por favor!

Alfredo hesita e depois agarra no braço de Ilda e arrasta-a dali para fora.

94. EXT. SANTA MARIA - MANHÃ

As ondas batem contra o casco do Santa Maria. Um bote salva-vidas, com o número 23, está a ser descido para a água.

A bordo está o piloto ferido, Sousa, dois MARINHEIROS e um OFICIAL.

O bote bate na água e começa a afastar-se do navio.

95. EXT. SANTA MARIA / CONVÉS - AO MESMO TEMPO

O comandante Maia e o imediato estão junto à amurada, observando o desembarque do bote. Há vários TURISTAS e outros tripulantes também por ali, e alguns homens do DRIL.

Maia olha para o horizonte, para a silhueta da ilha de Santa Lucia, e não consegue evitar um ligeiro sorriso.

COMANDANTE MAIA

Amanhã isto está resolvido.

Vira-se e afasta-se com passo decidido, enquanto o bote se afasta em direcção à ilha.

96. INT. SANTA MARIA / BIBLIOTECA - MAIS TARDE

Henrique Galvão está a conferir os livros da biblioteca de bordo, quando Sotomaior e Velo entram. Sotomaior está muito agitado e sente-se a tensão no rosto dos dois espanhóis.

SOTOMAIOR

O bote com o ferido já desembarcou. E agora?

HENRIQUE GALVÃO

Voltamos ao nosso plano. Nada mudou.

SOTOMAIOR

Nada mudou?! Tudo mudou, Galvão! Agora é só uma questão de tempo até nos descobrirem.

HENRIQUE GALVÃO

Sempre foi uma questão de tempo.

VELO MOSQUERA

Agora que já sabem da nossa posição, Galvão, é importante decidir o que vamos fazer a seguir.

Galvão vira-se, segurando dois livros.

HENRIQUE GALVÃO

Eu digo-te o que vamos fazer.

(pausa)

Uma festa - uma grande festa para esta noite - com música, champanhe, uma festa a sério. Organizem isso com o comandante Maia.

Afasta-se com os livros, sob o olhar surpreendido dos espanhóis.

SOTOMAIOR

Uma festa...?! Este tipo está louco...

VELO MOSQUERA

Os loucos também têm um papel na revolução. E quando deixam de ter - há sempre maneira de resolver o problema.

Olha sério para Sotomaior, deixando a ameaça no ar.

97. INT. QUARTO DE HOTEL - DIA

Um EMPREGADO de farda branca, impecável, empurra um carrinho com duas travessas de prata e começa a colocar a mesa numa salinha anexa ao quarto onde Galvão está a ser entrevistado.

HENRIQUE GALVÃO

Os meus companheiros espanhóis nunca entenderam bem os verdadeiros objectivos da nossa missão. Ainda hoje não sei se

eles eram mesmo idealistas, ou simplesmente desesperados.

(pausa)

Não escreva isso, por favor. Eles não merecem essa crítica.

JORNALISTA

Mas tem que admitir que eles tinham alguma razão. Logo que os tripulantes do navio desembarcaram em Santa Lucia o mundo inteiro começou à vossa procura. De certa forma, foi o princípio do fim.

HENRIQUE GALVÃO

O que é que perdemos - um dia, dois dias? Acha mesmo que isso faria alguma diferença? Nós nunca teríamos conseguido chegar a África, de qualquer forma.

(pausa)

Almoçamos?

Os dois olham para o empregado que despeja vinho branco...

98. INT. SANTA MARIA / SALA DE REFEIÇÕES PRINCIPAL - NOITE

...num COPO DE CRISTAL.

Estamos agora na sala de refeições do Santa Maria, na mesa a que Henrique Galvão preside.

Um CONJUNTO MUSICAL toca temas da Broadway no palco, e uma parte das mesas ainda está desocupada. Aos poucos os passageiros vão entrando e ocupando os seus lugares.

Uma TURISTA AMERICANA aproxima-se de Galvão com um MENU e uma caneta.

TURISTA AMERICANA

(em inglês)

Posso ter o seu autógrafo?

HENRIQUE GALVÃO

Com certeza. O seu nome...?

Numa mesa afastada, o comandante Maia abana a cabeça, em tom de censura, olhando para Henrique Galvão a assinar o menu da americana.

99. INT. SANTA MARIA / CABINA DE ILDA - NOITE

Ilda termina de arranjar-se em frente ao espelho. A mãe faz-lhe uma trança nos longos cabelos negros. Ilda tem a sua câmara de filmar nas mãos.

Alfredo, impecavelmente fardado, surge à porta.

ALFREDO

Porque é que a Ilda se está a arranjar?
Ela não está de castigo?

Irritado, tira-lhe a câmara das mãos.

ILDA

Pai - por favor...

ALFREDO

Nem pense nisso, menina. Você não vai e nós também não devíamos ir...

AMÁLIA

É isso que você quer, Alfredo? Podemos não ir. Pedimos a comida e ficamos aqui, escondidos nos nossos camarotes.

ALFREDO

Não é isso que eu estou a dizer.

AMÁLIA

Mas podemos fazer assim. A Ivone morre de medo dos piratas. E eu também não faço questão de ir à festa; você já nem dança comigo.

ALFREDO

Chega, chega!
(consulta o relógio)
Vamos é despachar-nos.

AMÁLIA

E a Ilda vem também.

Alfredo franze o sobrolho.

AMÁLIA

Ou então você vai sozinho. Escolha, Alfredo.

O coronel afasta-se, zangado, e abrindo uma gaveta guarda lá a câmara de filmar. No fundo da gaveta conseguimos ver, de relance, UMA PISTOLA.

101. INT. SANTA MARIA / SALA DE REFEIÇÕES PRINCIPAL - NOITE

O ambiente na sala de refeições está bastante animado. Alguns CASAIS de turistas levantaram-se e estão a dar um pezinho de dança.

Na mesa de Alfredo, Ilda não pára de olhar em redor. O pai, pelo contrário, continua a procurar justificações para exprimir a sua indignação. Desta vez é o menu do jantar, que ele mostra à esposa.

ALFREDO

Olhe-me isto.
(lendo)
"No Santa Maria, rumo à Liberdade".

Atira o menu para cima da mesa.

ALFREDO

Se isto é a Liberdade deles, muito obrigado mas dispenso.

AMÁLIA

Descontraia-se, Alfredo. A música está tão agradável...

Célia olha para a irmã e fala no seu tom irritante.

CÉLIA

A Ilda está à espera de alguém...

ILDA

Cala-te, estúpida.

Ilda baixa a cabeça e tenta disfarçar, pois o pai está a olhá-la com ar desconfiado.

Nesse momento Mike aproxima-se da mesa e dirige-se a Alfredo.

MIKE

Boa noite. Dá-me licença que convide sua filha para dançar?

Alfredo olha-o com surpresa, mas logo sorri.

ALFREDO

Se ela quiser, pois com certeza.

Mike estende a mão a Ilda.

MIKE

Vamos?

Ilda olha uma última vez em redor e depois agarra na mão do americano, sorrindo. Os dois afastam-se em direcção à pista de dança e começam a dançar.

CÉLIA

A Ilda tem um namorado...

ALFREDO

Não diga disparates, menina.

O sorriso do coronel, contudo, mostra que a ideia não lhe desagradaria.

Mike é um bom dançarino, elegante. Ilda, por sua vez, sabe deixar-se conduzir com elegância e leveza. Os dois fazem um par inegavelmente bonito.

Sentado na mesa, Galvão também reparou neles. Mas os seus pensamentos são interrompidos pela chegada de Mortágua, que se debruça sobre o seu ombro e lhe diz qualquer coisa ao ouvido. O capitão ouve com atenção. Depois limpa a boca com o guardanapo e fala para os restantes ocupantes da mesa.

HENRIQUE GALVÃO

Dão-me licença?

Levanta-se e segue Mortágua. Todos os olhares se viram na direcção dos dois...

... e a banda interrompe a música. Os dançarinos imobilizam-se e olham para Galvão. O capitão olha para o palco e faz sinal para continuarem a tocar.

A música recomeça e, pouco a pouco, os bailarinos voltam a dançar, enquanto Galvão abandona a sala.

ILDA

Alguma coisa aconteceu.

MIKE

Nada de importante, com certeza. Pelo menos, nada tão importante como nós estarmos aqui a dançar...

Ilda sorri, mas mais por educação do que por interesse.

E, nesse preciso momento, Zé surge ao lado deles, rodopiando com os dois e puxando Ilda para o seu lado.

ZÉ

Agora é a minha vez.

ILDA

Zé...?!

Mike ainda hesita um momento, mas depois dá um sorriso de circunstância.

MIKE

Claro, porque não?

Dá um passo para o lado e vê o seu par ser-lhe "roubado" dos braços. O sorriso de Ilda não esconde o seu agrado.

Zé não é um dançarino elegante, mas compensa em energia o que lhe falta em subtileza.

ILDA

(fingindo-se zangada)

Não podes aparecer assim do nada e meteres-te no meio de uma dança.

ZÉ

Quem disse que não posso?

ILDA

E onde é que estavas metido, afinal? O jantar já acabou.

ZÉ

Eu não janto aqui, não sabes isso? E só estou aqui a dançar porque nenhum criado tem coragem para me mandar embora.

ILDA

Ainda bem...

Sorri para Zé, encantadora, e os dois rodam abrindo caminho no meio dos casais bem comportados.

Na mesa, Célia repara na mudança.

CÉLIA

A Ilda tem dois namorados.

Alfredo olha para a pista de dança e fica lívido. Apoia a mão no cabo da bengala e prepara-se para se levantar, mas Amália pousa a mão no seu braço, com firmeza.

AMÁLIA

Aqui, não! Não quero escândalos!

Alfredo cerra os dentes e aperta o cabo da bengala até os nós dos dedos ficarem brancos.

E Ilda continua a dançar, completamente alheia à reacção que a sua dança está a provocar no pai.

102. INT. SANTA MARIA / SALA DE TELEGRAFIA - AO MESMO TEMPO

Galvão e Mortágua estão de pé ao lado de um SEGUNDO TELEGRAFISTA. Galvão tem um TELEGRAMA na mão. Termina de ler e retira os óculos. Olha Mortágua e sorri ligeiramente.

HENRIQUE GALVÃO

CBS, com que então...

(pausa)

Se já chegou aos americanos, também já chegou a Portugal.

MORTÁGUA

Vai responder?

HENRIQUE GALVÃO

Sem dúvida!

(para o telegrafista)

Escreva aí!

O homem agarra numa caneta e num papel e começa a anotar a mensagem que Galvão dita.

HENRIQUE GALVÃO

O pacote Santa Maria foi ocupado por um grupo de combatentes da Liberdade em nome do general Humberto Delgado.

Sobre as suas palavras vamos ver uma...

SEQUÊNCIA DE IMAGENS

...da vida a bordo:

101 parte – na festa, Zé e Ilda continuam a dançar, cada vez mais íntimos;

101 parte - numa mesa, um GRUPO DE TURISTAS faz um brinde com champanhe;

101 parte - a banda toca animadamente;

HENRIQUE GALVÃO (OFF)

Não podemos por enquanto revelar o nosso destino. Passageiros em excelente estado físico e moral...

102 A - Estamos agora de dia e vemos uma FAMÍLIA que joga um jogo de convés, animadamente;

102 B - na sala de convívio, HOMENS e MULHERES formaram algumas mesas de *bridge*;

102 C - no convés da 3ª classe ALGUNS HOMENS jogam aos dados e uma mulher dá de mamar a um bebé;

HENRIQUE GALVÃO (OFF)

...muito compreensivos pelo nosso sacrifício pela liberdade e pátria oprimida.

102 D - na sala do leme um PILOTO está ao leme, supervisionado por Sotomaior;

102 E - duas CRIADAS empurram um carrinho com roupas de cama suja pelo corredor.

HENRIQUE GALVÃO (OFF)

Tripulação cooperante garante o bem estar de todos os passageiros. Amanhã autorizaremos envio de telegramas...

Regressamos à festa:

101 parte - a banda toca mais alto...

101 parte - ...os casais de dançarinos giram mais depressa...

101 parte - ...Ilda e Zé abraçam-se com mais força...

101 parte - ...e a música termina em grande.

FIM DA SEQUÊNCIA DE IMAGENS

102 continuação - Na sala de telegrafia Henrique Galvão termina também a sua mensagem.

HENRIQUE GALVÃO

...para os passageiros poderem confirmar a sua segurança. Henrique Galvão, capitão.

Respira fundo.

HENRIQUE GALVÃO

(para o telegrafista)

Envie isso imediatamente.

(para Mortágua)

E agora - seja o que Deus quiser.

103. INT. SANTA MARIA / SALA DE REFEIÇÕES PRINCIPAL - NOITE

A banda começa a tocar outra música. Ilda fecha os olhos por um momento, ainda embalada pelas emoções, e Zé roda ligeiramente, tentando inciar uma nova dança. A rapariga, contudo, abre os olhos e afasta-se ligeiramente, separando-se com suavidade dele.

ZÉ

O que foi?

ILDA

Nada, nada...

Olha na direcção da sua mesa, onde o pai a observa fixamente.

ILDA

É melhor pararmos agora.

ZÉ

Porquê?

Ilda afasta-se, com um sorriso terno.

ILDA

Tu sabes porquê...

Zé fica a olhar para Ilda até ela chegar à mesa. Observa a reacção seca e fria do pai, que imediatamente se levanta para conduzir a família para fora da sala. E, finalmente, repara que está sozinho no meio de uma pista de dança com vários casais. Baixa os olhos e retira-se, envergonhado.

104. EXT. SANTA MARIA - DIA

O céu azul das Caraíbas. De repente...

... um BIMOTOR da Marinha americana enche o nosso campo de vista.

~~**105. EXT. SANTA MARIA / CONVÉS - AO MESMO TEMPO**~~

106. EXT. SANTA MARIA / CONVÉS DA SALA DO LEME - DIA

Zé e Júlio observam o céu protegendo os olhos da luz forte com as mãos estendidas.

JÚLIO

Achas que nos vão bombardear?

O avião americano começa a virar de direcção para voltar a sobrevoar o navio.

ZÉ

Qual quê! Com tantos americanos a bordo...

JÚLIO

Não sei...

(pausa)

São capazes de tudo.

ZÉ

Acreditas...?

Galvão e Mortágua surgem vindos das escadas, em passo rápido.

JÚLIO

Olha o chefe!

Os dois olham para Galvão, que passa por eles sem lhes dar atenção.

JÚLIO

Ele vai chateado, pá. É o que eu te digo - vão bombardear-nos.

ZÉ

Vira para lá essa boca! Porra!

Afasta-se do amigo em direcção às escadas.

107. INT. SANTA MARIA / SALA DO LEME - DIA

Galvão está junto a uma escotilha, com um microfone de rádio na mão.

Sotomaior, Velo Mosquera e Mortágua estão com ele.

HENRIQUE GALVÃO

(em inglês)

Pare imediatamente com os voos rasantes sobre este navio!

PILOTO (OFF)

(no rádio, em inglês)

Com quem estou a falar?

HENRIQUE GALVÃO

Isso não lhe interessa. Se voltar a sobrevoar o navio abriremos fogo.

PILOTO (OFF)

O almirante Allen Smith, da Marinha americana, ordena que mudem o vosso rumo e se dirijam imediatamente a Porto Rico.

Galvão olha para os restantes homens, que o escrutinam.

HENRIQUE GALVÃO

Estamos em território português libertado
e não admitimos ordens da marinha
americana.

PILOTO (OFF)

O almirante Allen Smith...

HENRIQUE GALVÃO

(interrompendo-o)

Diga ao almirante que se quiser falar
comigo, terei muito prazer em recebê-lo a
bordo do Santa Maria.

PILOTO (OFF)

OK. Over and out.

O rádio faz um ruído de fim de emissão. Os quatro homens
aproximam-se da escotilha e olham para o céu. O avião americano
faz meia volta e começa a afastar-se.

SOTOMAIOR

Era o que nos faltava. A marinha
americana à perna.

108. INT. SANTA MARIA / CORREDOR DE 2A - DIA

Zé caminha por um corredor da segunda classe, olhando em redor,
cauteloso. Depois aproxima-se da porta da cabina de Ilda. Bate à
porta duas vezes.

ZÉ

Ilda! Sou eu.

ILDA (OFF)

Zé...?

INTERCALA COM:

109. INT. SANTA MARIA / CABINA DE ILDA - AO MESMO TEMPO

Ilda encosta o rosto à porta.

ILDA

És tu, Zé?

ZÉ

Estás à espera de mais alguém?

A rapariga tem os olhos vermelhos e inchados, mas sorri.

ZÉ

O teu pai tratou-te mal?

ILDA

Nada que eu não merecesse...

110. INT. SANTA MARIA / CORREDOR DE 2A - AO MESMO TEMPO

Zé também encosta o rosto à porta para falar mais baixo.

ZÉ

Tu só mereces coisas boas.

ILDA

Como a nossa dança, ontem?

ZÉ

Isso e muito mais.

Ficam os dois em silêncio.

ILDA

Vou ficar aqui presa até ao fim da viagem...

Zé encosta as costas à porta e deixa-se escorregar.

ZÉ

Não é justo...

ILDA

E o que é isso - ser justo?

Ilda deixa-se também escorregar, até ficar sentada numa posição simétrica a Zé.

ILDA

Para o meu pai, por exemplo, não é justo que eu goste de um pirata.

Zé sorri.

ZÉ

E gostas...?

ILDA

Um pouco... só um pouquinho...

Zé leva a mão ao bolso e tira a foto dobrada. Desdobra-a e olha para ela.

ZÉ

Acreditas no destino?

ILDA

Sou mulher, tenho de acreditar.

ZÉ

Vê isto...

Pousa a fotografia de Ilda no chão e empurra-a por baixo da porta. Ilda agarra na foto e sorri quando a reconhece.

ILDA

Ai que horror - estou feia. Vou deitar esta fotografia fora...

ZÉ

Podes deitar. Agora já não preciso dela.

Ilda devolve a fotografia. Zé agarra nela e beija-a.

ILDA

Tu viste-me, naquele dia, antes de roubar a máquina?

ZÉ

Vi. Vi-te logo.

ILDA

Pois eu quase não te vi. Passaste a correr tão depressa...

ZÉ

O medo dá-nos asas.

Os dois riem. Depois Ilda fica um pouco mais séria.

ILDA

E agora, estás com medo?

ZÉ

O capitão Galvão diz que o destino tem muita força.

ILDA

O capitão Galvão deve ser um homem muito inteligente. Mas mesmo ele não sabe tudo.

111. INT. SANTA MARIA / SALA DO LEME - TARDE

Sotomaior e Velo Mosquera estão na sala do leme. Sotomaior pilota o navio.

VELO MOSQUERA

Quanto tempo achas que temos antes de ser apanhados pelos americanos?

SOTOMAIOR

Um dia, no máximo.

(pausa)

Podemos mudar de rumo e seguir para Cuba. Dizemos aos gringos que vamos para Porto Rico e depois fugimos...

VELO MOSQUERA

O Galvão nunca nos vai deixar ir para Cuba.

SOTOMAIOR

Então vamos para onde, merda!

VELO MOSQUERA

Está na hora de mostrar ao Galvão quem manda neste navio...

112. INT. SANTA MARIA / CABINA GALVÃO - TARDE

Galvão tem um monte de telegramas à frente, que vasculha com atenção. Mortágua, ao seu lado, procura noutros telegramas.

MORTÁGUA

O Delgado já respondeu?

HENRIQUE GALVÃO

Ainda não. Temos de dar-lhe tempo.

MORTÁGUA

Tempo é o que nós não temos, Galvão.

Galvão agarra num telegrama de cima do molho, e depois noutro e noutro...

HENRIQUE GALVÃO

Vê isto - Le Monde... Paris Match... The Times... todos os jornais e revistas do mundo democrático querem saber o que estamos a fazer.

MORTÁGUA

Isso é tudo muito bonito, mas se o novo presidente do Brasil não nos der asilo político, estamos tramados.

HENRIQUE GALVÃO

O Brasil tem um novo presidente, os Estados Unidos têm um novo presidente. Há muitas incógnitas em cima da mesa.

(pausa)

Jogas bridge, Mortágua?

Mortágua olha-o com alguma surpresa.

MORTÁGUA

Não... porquê?

HENRIQUE GALVÃO

No bridge não se ganha por receber boas cartas. Ganha-se por saber o que fazer com as que temos na mão.

Galvão joga os telegramas para cima da mesa.

HENRIQUE GALVÃO

E estas são as nossas cartas.

113. INT. QUARTO DE HOTEL – DIA

A entrevista continua. Galvão está de novo sentado no seu lugar, na penumbra, de novo fumando um cigarro.

ENTREVISTADOR

Parece-me que as vossas cartas teriam sido melhores se a tripulação tivesse estado do vosso lado.

HENRIQUE GALVÃO

Sem dúvida, sem dúvida...

ENTREVISTADOR

Não tem pena que isso não tivesse acontecido - que nem um oficial se tenha juntado à vossa causa?

HENRIQUE GALVÃO

Claro que tenho. É óbvio. Mas sabe...

(pausa)

No fundo, no fundo, nem posso censurar aquela gente. Eles são apenas os filhos legítimos de um país que premeia o silêncio e o medo. Eu é que sou o filho bastardo.

114. INT. SANTA MARIA / SALA DE TELEGRAFIA - NOITE

O TELEGRAFISTA GASTÃO FERRAZ está de serviço. Frutuoso está de guarda à sala de telegrafia, observando o mar distraidamente pela escotilha.

A máquina de telegrafia inicia a impressão de uma mensagem que o telegrafista começa a ler. O homem olha de relance para Frutuoso, e continua a ler a mensagem, muito sério.

Quando termina volta a olhar Frutuoso pelo canto do olho e, rodando um pouco o corpo, esconde a mensagem no bolso. Depois endireita-se e espreguiça-se, o que chama a atenção do guarda.

GASTÃO FERRAZ

Ó amigo - posso ir à casa de banho?

FRUTUOSO

Depressinha.

GASTÃO FERRAZ

Olhe aqui pela máquina, não vá chegar alguma mensagem importante.

Frutuoso abana a cabeça e volta a olhar pela escotilha, enquanto Ferraz se levanta com um sorriso cínico.

115. INT. SANTA MARIA / CABINA DO COMANDANTE - NOITE

A MENSAGEM está nas mãos de alguém.

COMANDANTE MAIA (OFF)

"Caro Galvão - Operação Dulcineia é um sucesso. O presidente eleito Jânio Quadros oferece"...

É o comandante Maia que está a lê-la em voz alta ao seu imediato Inácio e ao médico Cícero. Gastão Ferraz espera de pé.

COMANDANTE MAIA

..."solidariedade e promete direito de asilo logo que tome posse da presidência do Brasil. Abraço. Humberto Delgado".

Olha para os companheiros.

COMANDANTE MAIA

Então é isto que eles esperam. Asilo político no Brasil...

(volta a ler)

"Operação Dulcineia é um sucesso".

Começa a dobrar o telegrama.

COMANDANTE MAIA

Só se eu não puder fazer nada para impedir.

(para Ferraz)

Obrigado, Ferraz. Pode regressar ao seu posto.

O telegrafista retira-se e Maia acaba de dobrar o telegrama e esconde-o numa lata de tabaco de cachimbo.

INÁCIO

O que é que fazemos, comandante?

COMANDANTE MAIA

Logo que possa, traga-me aqui aquele maquinista...

INÁCIO

O Lopes?

COMANDANTE MAIA

Esse. Mas sem levantar suspeitas.

116. INT. SANTA MARIA / SALA DOS MAPAS - NOITE

Henrique Galvão está de novo com Sotomaior, Velo Mosquera e Mortágua. Todos estão debruçados à volta de uma mesa coberta com cartas de navegação.

HENRIQUE GALVÃO

Não podemos ir já para o Brasil. Não enquanto não tivermos a certeza de que vamos ser bem recebidos.

VELO MOSQUERA

E Cuba, Galvão? Porque não Cuba?

HENRIQUE GALVÃO

Cuba vai pôr os americanos contra nós.

SOTOMAIOR

Eu não me pareceu que eles estivessem a nosso favor...

Galvão olha para ele com censura.

MORTÁGUA

E nesta direcção?

Mostra um rumo possível, que leva na direcção nordeste.

SOTOMAIOR

Para aí nem pensar. Recebemos informações de que vai cair uma grande tempestade tropical.

Henrique Galvão leva a mão ao queixo, pensativo.

HENRIQUE GALVÃO

Uma tempestade?

(pausa)

Não será isso que nós precisamos para ganhar algum tempo?

Sotomaior franze o sobrolho e olha para Velo.

SOTOMAIOR

É arriscado...

117. EXT. SANTA MARIA / CONVÉS - NOITE

O céu está escuro e coberto de nuvens.

Gotas de chuva grossa começam a bater no convés. Um CASAL DE TURISTAS passa a correr, ele colocando o casaco por cima do penteado emproado dela.

Henrique Galvão, seguido por Paiva, que vem armado, desce rapidamente as escadas. Zé surge no seu caminho.

ZÉ

Capitão...

Olha para Galvão, mas não diz mais nada. O capitão olha o ar tímido do rapaz e faz um sinal a Paiva.

HENRIQUE GALVÃO

(para Paiva)

Vai andando.

118. EXT. SANTA MARIA / CONVÉS - MAIS TARDE

Zé está nervoso enquanto fala. Galvão fuma o seu eterno cigarrinho. Ambos estão abrigados numa zona coberta, protegidos da chuva que ainda não é torrencial mas para lá caminha.

ZÉ

Eu sou só um pé-rapado, ela é uma menina de família. Eu sou do contra, o pai dela é da situação. Que futuro é que a gente pode ter, capitão?

Galvão fica pensativo, sem responder.

ZÉ

Desculpe vir maçá-lo com as minhas coisas, mas não tenho mais ninguém com quem falar...

HENRIQUE GALVÃO

Não maças nada, Zé, não maças nada. Tu és um bom rapaz...

(pausa)

É por isso que eu não te vou enganar e dizer que vai ser tudo fácil para ti e para essa moça.

Olha Zé nos olhos.

HENRIQUE GALVÃO

Não vai. Não seria fácil se vocês se tivessem conhecido de outra forma, e muito menos assim.

O rapaz baixa os olhos.

ZÉ

Eu sei disso...

HENRIQUE GALVÃO

Mas lá por não ser fácil, não quer dizer que não valha a pena. Sabes quando é que o Salazar subiu ao poder?

ZÉ

Não...

HENRIQUE GALVÃO

Em 32. Já lá vão quase trinta anos. Achas por acaso que vai ser fácil tirar o velho de lá?

Zé não responde.

HENRIQUE GALVÃO

Acredita que não. Eu luto contra ele há mais de dez anos e nem sei se ainda vou estar vivo para aplaudir o seu fim. Mas não é por isso que a gente desiste, pois não?

Aponta em redor, para o navio.

HENRIQUE GALVÃO

Estamos aqui - trinta gatos pingados, num navio com mil pessoas, jogando a nossa sorte.

(pausa)
Vamos vencer, vamos perder? O que é que
isso interessa, rapaz? Estamos vivos!

Dá uma palmada no ombro de Zé.

HENRIQUE GALVÃO

Estamos vivos!

Zé sorri - captou a mensagem.

119. INT. SANTA MARIA / SALA DE REFEIÇÕES PRINCIPAL - NOITE

Dois EMPREGADOS, carregando castiçais com velas, entram pela porta do salão que liga à copa.

Um EMPREGADO JOVEM carregando uma travessa entra atrás deles.

A grande sala de refeições perdeu o ar festivo. As luzes estão apagadas e metade das mesas estão vazias. As que estão ocupadas são apenas iluminadas pela luz das velas, que confere ao espaço um ambiente noturno.

A banda está no palco, é verdade, mas o FADO INSTRUMENTAL que estão a executar contribui ainda mais para a melancolia geral. Até na mesa onde Galvão janta, acompanhado por Paiva e Mortágua, o ambiente é pesado.

Noutra mesa Alfredo apercebe-se disso. Está a jantar apenas com a mulher, cunhada e filha mais nova. Não há sinal de Ilda.

ALFREDO

Olha para aquilo. Finalmente começaram a
aperceber-se que o fim está próximo.
Acabaram-se as danças e cantares...

Olha em redor.

ALFREDO

Até os palermas dos americanos já não
estão tão animados.

Remexe o prato de sopa com a colher, fazendo uma expressão de algum nojo.

AMÁLIA

Estão enjoados, que esta comida não está
a ajudar nada...

Um EMPREGADO MAGRO atravessa a sala carregando a travessa de sopa.

ALFREDO

Eu tenho é vergonha - somos tratados como animais e ninguém diz nada.

Uma CRIANCINHA LOURA levanta-se de repente, empurrando a cadeira para trás, no caminho do empregado magro. Este desvia-se de repente e...

... a travessa tomba, derramando uma golfada de sopa...

... no ombro e braço de Alfredo. O coronel ergue-se, furioso.

ALFREDO

Cuidado, sua besta!

EMPREGADO MAGRO

Desculpe, senhor, desculpe.

ALFREDO

Desculpe, desculpe! É só o que sabem dizer.

Limpa o braço com um guardanapo e olha para a mesa de Galvão, que também está a olhar para ele. Atira o guardanapo para cima da mesa e dá um passo para Galvão.

Amália segura-lhe na manga do casaco...

AMÁLIA

Alfredo, por favor!

... mas o marido sacode-a.

ALFREDO

Desta vez não.

Segurando na bengala avança na direcção de Galvão, que o olha com curiosidade.

Fernandez, que está de guarda à porta mais perto de Galvão, deixa deslizar a carabina do ombro e interpõe-se entre o coronel e Galvão.

FERNANDEZ

(em espanhol)

Alto!

ALFREDO

Saia da frente, homem!

FERNANDEZ

Por favor, regresse à sua mesa.

ALFREDO

Já disse para sair da frente!

Faz-se o silêncio absoluto na sala. Amália e Ivone estão em pânico. A mulher do coronel levanta-se.

Galvão resolve intervir.

HENRIQUE GALVÃO

Fernandez. Deixa o cavalheiro passar.

Fernandez lança um olhar ameaçador a Alfredo e afasta-se apenas o suficiente para o coronel poder passar.

Coxeando, este aproxima-se da mesa de Galvão, que continua sentado.

HENRIQUE GALVÃO

Posso ajudá-lo?

ALFREDO

O meu nome é Alfredo Enes e sou...

HENRIQUE GALVÃO

(interrompendo)

Eu sei quem o senhor é - um ilustre coronel do exército do ditador.

Alfredo respira fundo, tentando recuperar a calma.

ALFREDO

Não é como militar que quero falar, mas como passageiro.

HENRIQUE GALVÃO

Diga, então. Somos todos ouvidos.

Alfredo olha em redor e enche a voz.

ALFREDO

A vida a bordo está a atingir níveis insuportáveis. Já não bastava a privação da liberdade e a alteração de todos os nossos planos. Mas agora...

(dramático)

... o racionamento da água... a qualidade da comida... os cortes na iluminação... o recolher obrigatório...

Bate com a bengala no chão.

ALFREDO

Até quando pensam manter esta situação?

HENRIQUE GALVÃO

O senhor é militar. Sabe bem que por vezes é preciso fazer sacrifícios por uma causa maior.

ALFREDO

Uma coisa é fazer sacrifícios; outra, muito mais fácil, é pedir a nós para os fazermos.

Galvão olha em redor.

HENRIQUE GALVÃO

Regresse à sua mesa, coronel. A sua esposa está nervosa, e com alguma razão.

ALFREDO

Mas até quando é que esta fantochada vai durar? Está na hora de voltar à realidade, capitão Galvão.

Esta última frase tem o dom de, finalmente, irritar Galvão. O capitão bate com as palmas de ambas as mãos na mesa e levanta-se.

HENRIQUE GALVÃO

Voltar à realidade?! Mas você não percebe, homem? A sua realidade é aquilo que eu quero destruir! A sua realidade mete-me nojo.

Fernandez volta a empunhar a arma. Amália percebe-se da gravidade e corre para o marido.

HENRIQUE GALVÃO

Pessoas como você, lacaios sem espinha, metem-me nojo!

Amália agarra no braço do marido e olha-o nos olhos. Não diz uma palavra mas toda a sua expressão é medo e súplica. Alfredo resiste um momento mas depois cede.

ALFREDO

Isto vai acabar mal, capitão Galvão. Ouça as minhas palavras.

Galvão olha-o com raiva e depois faz um gesto à banda para recomeçar a tocar, antes de se sentar com um sorriso forçado.

120. EXT. SANTA MARIA / CONVÉS - DIA

A tempestade atingiu finalmente o Santa Maria. As ondas batem no seu casco com fúria, e bâtegas de chuva varrem o convés vazio.

121. INT. SANTA MARIA / SALA DO LEME - DIA

Na sala do leme, Sotomaior está ao lado de um PILOTO. O ambiente é de alguma tensão.

PILOTO

Devíamos mudar de rumo, comandante.

SOTOMAIOR

Impossível.

PILOTO

Estamos a ir mesmo na direcção da tempestade ...

SOTOMAIOR

Já lhe disse - é impossível mudar de rumo.

PILOTO

A responsabilidade é sua.

Sotomaior vai espreitar pela vigia, sem responder.

122. INT. SANTA MARIA / CASA DAS MÁQUINAS - DIA

Ackerman está de vigia na casa das máquinas, de pé, encostado a uma parede. O maquinista, Lopes, está de pé, controlando alguns mostradores.

Ackerman está visivelmente enjoado com os balanços do navio. O maquinista olha para ele, pelo canto do olho.

Ackerman leva a mão à boca, e depois limpa a testa suada.

LOPES

Está-se a sentir mal?

ACKERMAN

Não é nada.

LOPES

Quem não está habituado estranha.

ACKERMAN

É verdade...

Um balanço mais forte parece arrumar de vez com a sua resistência. Ackerman dobra-se um pouco...

ACKERMAN

Com licença.

... e sai a correr da sala.

Lopes sorri e agarra numa chave inglesa grande. Depois, olhando em redor, desaparece na sombra, em direcção às máquinas do navio.

~~123. INT. SANTA MARIA / SALA DO LEME - DIA~~

124. INT. SANTA MARIA / SALA DO LEME - MAIS TARDE

Uma gabardina encharcada é atirada para cima de uma cadeira. Henrique Galvão, encharcado, alisa o cabelo. Mortágua vem com ele.

A luta para governar o navio está mais difícil. Sotomaior está agarrado ao leme, juntamente com o piloto.

HENRIQUE GALVÃO

Qual é a emergência?

SOTOMAIOR

Um dos motores do navio - avariou-se.

HENRIQUE GALVÃO

Porra! Logo agora?

SOTOMAIOR

Estamos a colocar muita tensão nas máquinas. Muita.

HENRIQUE GALVÃO

E é grave?

SOTOMAIOR

Em condições normais, não seria. Mas com esta tempestade...

Galvão vira-se, pensativo.

HENRIQUE GALVÃO

Bom - a questão é só uma: podemos continuar ou não?

SOTOMAIOR

Os depósitos de água estão quase vazios, Galvão, e eles é que servem de lastro ao navio. Não sei - sinceramente não sei...

O capitão volta a encarar Sotomaior.

HENRIQUE GALVÃO

Então, só há uma coisa a fazer...

(para Mortágua)
Traz-me cá o comandante Maia.

125. INT. SANTA MARIA / CABINA DE ILDA - DIA

Ilda está deitada na sua cama, vestida, com o rosto pousado nas duas mãos e a trança desfeita. A tia, Ivone, está sentada numa poltrona, lendo um livro encadernado. Batem à porta e a tia espreita por cima dos óculos de leitura.

Ilda faz menção de ir abrir, mas a tia antecipa-se.

IVONE

Deixe-se estar, eu atendo.
(levanta-se)
Quem é?

ZÉ (OFF)

Serviço de quartos.

A tia pouisa o livro e dirige-se à porta.

IVONE

Serviço de quartos?! Mas nós não pedimos nada...

ZÉ (OFF)

Tem de assinar, senhora...

Ivone abre a porta.

IVONE

Já lhe disse...

ZÉ

(interrompendo-a)
Ilda!

Zé espreita para o interior. A mulher recua um passo, assustada, ao mesmo tempo que Ilda se levanta de um salto.

ILDA

Zé!

O rapaz estende-lhe a mão e Ilda corre na sua direcção.

IVONE

Ilda! O seu pai...

A rapariga nem a ouve. Passa pela tia e os dois desaparecem no corredor de mãos dadas, em estado de euforia.

126. EXT. SANTA MARIA / CONVÉS - DIA

Zé e Ilda, de mãos dadas, irrompem para o convés do navio. São recebidos pela chuva violenta que fustiga o Santa Maria. Não há nem viva alma à vista.

Ilda quer continuar a correr, mas Zé pára e ela é travada. Olha Zé. O rapaz puxa-a e ela avança um passo. Os corpos juntam-se. As caras aproximam-se.

Lentamente, muito lentamente, os seus lábios acercam-se. E, finalmente, debaixo do temporal, enquanto relâmpagos rasgam o céu escuro, os seus lábios fundem-se num beijo longo e apaixonado.

Um beijo que se prolonga por uma eternidade - ali, no convés vazio, longe do mundo, longe da realidade, longe de tudo.

127. INT. SANTA MARIA / SALA DOS MAPAS - DIA

O comandante Maia está debruçado sobre uma carta de navegação. A seu lado estão Galvão e Sotomaior, e atrás dele esperam Mortágua e Velo Mosquera.

COMANDANTE MAIA

Temos de mudar de rumo. Imediatamente!
Nem há discussão possível.

HENRIQUE GALVÃO

Há sempre discussão possível, comandante.

COMANDANTE MAIA

Não neste caso. Não com o motor avariado e esta tempestade a piorar a cada minuto.

Galvão observa-o por um momento, avaliando-o.

HENRIQUE GALVÃO

Muito bem. Vamos então rumar ao Brasil...

Mosquera e Sotomaior entreolham-se.

COMANDANTE MAIA

(interrompendo)

Ao Brasil, não.

Percebe que vai ter de justificar a sua afirmação.

COMANDANTE MAIA

Quero dizer... há o risco da tempestade seguir nessa direcção...

Henrique Galvão olha-o, desconfiado.

COMANDANTE MAIA

Acredite na minha experiência, capitão.

HENRIQUE GALVÃO

Tem alguma coisa contra o Brasil, comandante?

COMANDANTE MAIA

Não! Evidentemente que não...

O comandante Maia desvia o olhar e Galvão olha para Velo Mosquera e Sotomaior. Faz um ligeiro aceno de cabeça.

HENRIQUE GALVÃO

Então vamos rumar ao Brasil... por favor.

Galvão sai da sala, fazendo sinal a Mortágua para o acompanhar.

Velo Mosquera abana a cabeça para Sotomaior, num gesto cúmplice.

128. INT. SANTA MARIA / COPA - DIA

Zé e Ilda, molhados mas sorridentes, entram na copa ao lado da sala de refeições principal do navio. O rapaz tem o molho de chaves na mão.

ZÉ

Já agora, mais vale aproveitar...

Dirige-se a um grande armário fechado com um cadeado e abre a porta. Lá dentro estão empilhadas inúmeras garrafas de vinhos. O rapaz olha para elas.

ILDA

Sabes alguma coisa de vinhos?

ZÉ

Só beber.

A rapariga ri e agarra em duas taças grandes de cristal.

ILDA

Então vamos beber!

Roda sobre os pés, eufórica, e Zé retira uma garrafa ao calhas do armário.

129. INT. SANTA MARIA / PALCO DA SALA DE REFEIÇÕES - DIA

A pesada cortina vermelha que isola o palco da sala de refeições principal é afastada com um gesto de Zé. O rapaz, que transporta

um pequeno castiçal com velas acesas, afasta-se, cavalheiro, para Ilda subir o último degrau e entrar para o palco.

Ilda avança pelo meio dos instrumentos cobertos, enquanto Zé volta a fechar a cortina, certificando-se de que ninguém os viu subir para ali. Ilda levanta a tampa do piano e passa os dedos pelas teclas, produzindo uma sucessão de sons.

ILDA

O meu pai queria que eu aprendesse piano...

Baixa de novo a tampa, com um barulho seco.

ILDA

Nunca lhe dei essa alegria.

ZÉ

Schiu... não faças barulho...

O rapaz pouisa o castiçal e tira uma manta de veludo enorme que protege o piano. Com um volteio, estende-a no chão.

ZÉ

Vamos fazer um piquenique.

ILDA

À luz das velas... que romântico.

Os relâmpagos continuam a rasgar o céu e os seus reflexos fazem sentir-se através das janelas do salão. O som abafado dos trovões é uma presença constante mas pouco audível.

Zé ajoelha-se e começa a abrir a garrafa de vinho, enquanto Ilda despe o casaco de malha molhado jogando-o para cima do piano.

ZÉ

Espero que o vinho seja bom...

Ilda ajoelha-se atrás dele e começa a despir-lhe a camisa encharcada.

ILDA

Vai ser...

ZÉ

O vinho venezuelano não presta, mas este...

A rapariga passa a mão pela sua pele morena, molhada. Beija-lhe a omoplata.

ILDA

...vai ser delicioso.

Zé pousa a garrafa e vira-se para Ilda. Os dois ficam ajoelhados face a face. Olham-se nos olhos e voltam a abraçar-se, num novo beijo apaixonado. Depois deslizam suavemente para o tapete, um sobre o outro.

No movimento a perna de Ilda derruba as taças, que rolam e ficam encostadas uma à outra.

~~130. INT. SANTA MARIA / SALA DE JOGO - DIA~~

131. INT. SANTA MARIA / SALA DO LEME - DIA

Na sala do leme do navio, o comandante Maia está ao lado do piloto. O Santa Maria continua a ser abanado pela fortíssima ondulação, e a chuva torrencial dificulta a visão para o exterior.

Henrique Galvão e Sotomaior também estão presentes.

COMANDANTE MAIA

Eu avisei, capitão Galvão, eu avisei.

Nesse momento, Mortágua entra na sala do leme. Dirige-se a Galvão e entrega-lhe qualquer coisa, segredando-lhe ao ouvido. Entrega-lhe a caixa de tabaco onde Maia guardou...

... o telegrama. Galvão desdobra-o e olha para Maia. O comandante fica lívido.

Galvão coloca os seus óculos de leitura. Velo Mosquera aproxima-se de Sotomaior e faz discretamente sinal a Fernandez. Este dirige-se para uma das portas, onde já estão Frutuoso e Esparrinha. Noutra porta surgem, também armados, Rojo e Ackerman. O momento é de tensão.

Galvão acaba de ler o telegrama e olha Maia.

HENRIQUE GALVÃO

Está explicada a sua aversão ao Brasil, comandante.

Maia não responde.

SOTOMAIOR

O que diz o telegrama?

HENRIQUE GALVÃO

O bom comandante teve a gentileza de nos ocultar uma mensagem de Humberto Delgado. O Jânio Quadros prometeu-nos asilo político no Brasil.

COMANDANTE MAIA

Não fiz mais do que a minha obrigação.

Henrique Galvão zanga-se.

HENRIQUE GALVÃO

Desde quando é que a deslealdade é uma obrigação, comandante?

COMANDANTE MAIA

A minha lealdade não é consigo.

Velo e Sotomaior entreolham-se.

HENRIQUE GALVÃO

Falta de carácter - para mim, é o pior traço de um homem. E você, Maia, já a demonstrou de todas as formas possíveis.

COMANDANTE MAIA

Vindo de si, isso é um elogio.

HENRIQUE GALVÃO

Chega!

(para Velo)

Levem este crápula daqui. Fica preso até chegarmos ao Brasil.

Mortágua avança e agarra no braço de Maia, que o sacode. Nesse momento Velo Mosquera intervém.

VELO MOSQUERA

Galvão. Talvez seja melhor tu retirares-te também...

Galvão olha o espanhol com surpresa.

HENRIQUE GALVÃO

E porquê, posso saber?

SOTOMAIOR

Nós não vamos para o Brasil.

Galvão olha para os vários homens postados nas portas da sala. Depois encara de novo os dois espanhóis.

HENRIQUE GALVÃO

Cuba...?!

VELO MOSQUERA

A maioria dos homens está de acordo, Galvão.

(pausa)

No Brasil nunca seremos bem recebidos.
Em Cuba vamos ser heróis.

Mortágua afasta-se de Maia e leva a mão ao cabo do revólver.
Galvão interrompe-o com um gesto de mão.

HENRIQUE GALVÃO

Seja. Se é isso que a maioria quer.

Com dignidade, dirige-se para a porta.

COMANDANTE MAIA

É assim que funciona, a sua democracia?
Deus nos livre.

Mortágua dá um empurrão nas costas de Maia, obrigando-o a calar-se.

132. INT. SANTA MARIA / PALCO DA SALA DE REFEIÇÕES - DIA

A chama de uma das velas do castiçal treme e apaga-se.

Ilda está meio sentada, meio deitada, aninhada nos braços de Zé, que está encostado à perna do piano. Ambos têm as taças de vinho na mão, e vão bebericando enquanto falam. A euforia anterior deu lugar a uma certa melancolia.

ZÉ

Ilda...

ILDA

Diz.

ZÉ

Lá fora, quando nos beijámos...

ILDA

Sim...

ZÉ

Tu não tiveste medo. O barco balançava tanto e tu nem tremeste.

ILDA

Não tenho medo de tempestades, nem de trovões, nem de relâmpagos. Não tenho medo de nada. Tu tens?

ZÉ

Só do futuro.

Ilda não responde. Fica pensativa.

ZÉ

Tu nasceste em berço de ouro, eu nasci na lama. O teu pai...

ILDA

(interrompendo)

Esquece o meu pai, agora.

Vira-se para o olhar.

ZÉ

Tu deixavas uma filha tua casar com um pilha-galinhas?

Ilda hesita apenas um momento, mas essa hesitação diz mais que mil palavras.

ILDA

Esquece o meu pai, já disse!

Estende os lábios e beija ligeiramente a boca de Zé. Este pousa a taça e abraça-a, enlaçando-a num novo beijo.

~~133. INT. SANTA MARIA / CABINA ZÉ - DIA~~

134. EXT. SANTA MARIA - DIA

A chuva parou finalmente, e o céu azul começou a rasgar caminho no meio das nuvens um pouco mais dispersas.

O Santa Maria navega agora num mar bastante mais calmo.

135. INT. SANTA MARIA / SALA DO LEME - DIA

O piloto do navio está com um ar exausto. Sotomaior aproxima-se dele.

SOTOMAIOR

Pode retirar-se. Eu tomo o leme agora.

PILOTO

Sim, senhor.

O homem afasta-se e Sotomaior fala para Velo Mosquera, que está a perscrutar o horizonte com uns binóculos.

SOTOMAIOR

Se tudo correr bem, em dois dias estaremos em Cuba.

Sorri, sonhador.

SOTOMAIOR

Dois dias para um "mojito"...

Velo baixa os binóculos e vira-se para o encarar, com um ar muito sério.

VELO MOSQUERA

Receio que o teu "mojito" vá ter de esperar...

Sotomaior larga o leme e aproxima-se dele.

SOTOMAIOR

O que é?

Velo não responde. Limita-se a estender-lhe os binóculos. Sotomaior leva-os aos olhos.

SOTOMAIOR

Merda!

136. INT. SANTA MARIA / PALCO DA SALA DE REFEIÇÕES - DIA

Vemos uma garrafa vazia, tombada. Duas taças de cristal, meio cheias.

Vemos os pés e as pernas enlaçadas de Zé e Ilda. Vemos os seus corpos nus, abraçados. Os seus rostos, muito próximos, olhos fixos nos olhos do outro.

E, de repente, vemos a cortina de veludo vermelha que protege o palco ser afastada com violência.

É Alfredo.

ALFREDO

Ilda...!?

Zé e Ilda endireitam-se, sobressaltados. A rapariga faz uma cara de pânico quando vê o pai.

ILDA

Pai!

Ilda puxa a coberta para tapar o peito. Zé ergue-se, puxando as calças do chão e tenta vestir-se atabalhoadamente.

ZÉ

Coronel, nós...

ALFREDO

(em fúria)

Vadia! És uma vadia!

ZÉ

Por favor, coronel...

ALFREDO

Cala-te!

O coronel desfere uma violenta bengalada no rosto de Zé, que estava apoiado apenas numa perna, com as calças meio vestidas. O rapaz desequilibra-se e cai aparatosamente.

ILDA

Não, pai! Não!

Alfredo agarra no vestido de Ilda e atira-o à cara da filha, com desprezo.

ALFREDO

Veste isso, desgraçada!

ZÉ

Não lhe chame isso, ouviu!

O rapaz tenta erguer-se, mas Alfredo agride-o novamente com a bengala, com uma violência inusitada. Zé só consegue erguer o braço para proteger o primeiro golpe...

ILDA

Páre, pai! Por favor...

... mas a segunda bengalada atinge-o em cheio na fronte.

NEGRO ABSOLUTO

136A. INT. SANTA MARIA / PALCO DA SALA – DIA / MAIS TARDE

...até que uma imagem desfocada vai ganhando lentamente alguns contornos.

JÚLIO (OFF)

O que é...? Zé, acorda, pá!

Júlio está debruçado sobre Zé, a quem abana pelos ombros.

JÚLIO

O que é que tens, Zé? Acorda, pá!

O rapaz está estendido no chão, de calças desabotoadas e em tronco nu. Tem sangue no rosto.

ZÉ

Ilda? Onde...?

Zé tenta endireitar-se, mas é acometido por uma violenta dor de cabeça que o impede de terminar a frase. Leva a mão à cabeça, num esgar.

JÚLIO

Veste-te, pá. Temos de ir!

ZÉ

Onde é que está a Ilda?

JÚLIO

Esquece a Ilda agora!

Zé ajoelha-se, ainda tonto.

ZÉ

Tenho de encontrá-la.

JÚLIO

Vai ter de esperar. Temos que ir para a ponte!

Zé ergue-se e agarra nos sapatos e na camisa. Calça um sapato enquanto avança para as escadas...

ZÉ

Não posso. Agora não...

JÚLIO

Temos de ir já, Zé!

... calça outro sapato enquanto atravessa o salão, seguido por Júlio...

JÚLIO

O Sotomaior mata-nos!

... veste a camisa enquanto chega perto da porta do salão...

ZÉ

Marimba-te para o Sotomaior! Isto é muito mais...

... e estaca, surpreendido com uma visão inesperada.

ZÉ

Porra...

136 B - PONTO DE VISTA DE ZÉ: três navios da armada americana ocupam o horizonte visível e estão em posição de ameaça, com as baterias de canhões viradas para o Santa Maria.

137. INT. QUARTO DE HOTEL - TARDE

Estamos de novo no local da entrevista. O jornalista pára de tomar notas e encosta-se para trás, pensativo.

HENRIQUE GALVÃO

O que foi?

JORNALISTA

Estava a pensar... você parece-me uma pessoa tão segura de si.

HENRIQUE GALVÃO

Gosto de pensar que sim...

JORNALISTA

Nunca desanimou? Nunca se cansou de lutar contra tudo e contra todos, sempre a combater moinhos de vento?

Galvão dá uma ligeira gargalhada.

HENRIQUE GALVÃO

Já vi que fez bem os seus trabalhos de casa.

O jornalista sorri também.

HENRIQUE GALVÃO

Não. Nunca. Sempre soube que a minha "Dulcineia" era um sonho grande demais, mas nunca me passou pela cabeça desistir.

Galvão ergue-se e aproxima-se da janela do quarto, emergindo da sombra e surgindo finalmente à luz do sol. Tira a sua cigarreira do bolso e olha para fora, pensativo.

HENRIQUE GALVÃO

Que mundo seria este se os Quixotes desistissem das suas damas?

138. EXT. SANTA MARIA / CONVÉS DA SALA DO LEME - DIA

Acabando de apertar a camisa, Zé sobe as escadas que levam ao convés superior, onde todos os homens do DRIL já se encontram. Júlio segue-o de perto, como sempre. Zé pára e volta a olhar para...

...os navios americanos, pairando ameaçadores entre o Santa Maria e o seu destino.

Rojo olha os recém-chegados e roga-lhes uma praga.

ROJO

Sempre os mesmos!

O espanhol dá uma pistola a cada um e despacha-os na direcção da porta da sala do leme.

ROJO

Para ali, para ali!

Os dois correm para os seus postos. Ao chegar à porta, Zé espreita para o interior e vê Sotomaior, de rádio na mão.

139. INT. SANTA MARIA / SALA DO LEME - DIA

Sotomaior está perto da janela da sala, olhando para os navios americanos e falando excitadamente pela rádio. Fernandez está com ele, e um PILOTO ocupa o leme.

SOTOMAIOR

(em inglês, com forte
sotaque)

O capitão Galvão não está disponível
neste momento.

ALMIRANTE SMITH

(em inglês)

Mas como é isso possível? Eu quero falar
com o capitão Galvão imediatamente.

SOTOMAIOR

Neste navio você não dá ordens!

ALMIRANTE SMITH

Poupe-me a essas tiradas, meu amigo. Nós
só vamos negociar com o capitão Galvão.

Ouvimos o som da rádio a terminar ligação e Sotomaior olha em volta, furioso.

140. INT. SANTA MARIA / CABINA GALVÃO - DIA

Henrique Galvão está calmamente sentado na sua cabina, com um livro aberto no colo, espreitando Velo Mosquera por cima dos óculos de leitura. Mortágua assiste à conversa.

HENRIQUE GALVÃO

O que é que você não entendeu na minha
resposta? Não - estou - interessado.

VELO MOSQUERA

Vamos pôr as nossas diferenças de parte.
A situação é muito grave, Henrique.

HENRIQUE GALVÃO

O comando é vosso, o problema é vosso. Não era isso que queriam - levar este navio para Cuba? Agora só têm de passar por cima da armada americana.

(pausa)

E, sinceramente, também não sei como poderia ajudar.

Velo Mosquera engole o orgulho.

VELO MOSQUERA

Eles só querem negociar consigo, Galvão. São irredutíveis quanto a isso.

O capitão olha para Mortágua.

MORTÁGUA

É verdade, Galvão. E olha que os tipos estão fulos.

Galvão pensa um segundo. Depois fecha o livro e coloca-o em cima da mesa. A ilustração gravada na capa - um cavaleiro magro em cima dum cavalo escanzelado, é universalmente reconhecível.

141. EXT. SANTA MARIA / CONVÉS DA SALA DO LEME - DIA

Um AVIÃO cruza o céu por cima do Santa Maria. Zé e Júlio, que estão de guarda perto da porta, olham para cima.

ZÉ

O capitão Galvão, onde é que ele anda?

JÚLIO

Não sei, ninguém o viu ainda.

O avião dá meia volta e torna a aproximar-se do navio.

ZÉ

Isso é estranho, não é?

JÚLIO

Isto é tudo estranho, pá! Já viste que há um mês nós estávamos na Venezuela, desempregados, e agora estamos no meio do mar, com toda a esquadra americana à nossa volta?

Nesse momento, o avião LARGA UM PARAQUEDISTA mais ou menos na direcção do Santa Maria.

ZÉ

Olha, ali!

Ergue-se um burburinho entre os homens do DRIL e também nos passageiros que, no convés inferior, se reuniram para ver o que se está a passar.

JÚLIO

Eu não disse? Eu não disse? Estão a atacar-nos.

O paraquedista começa a descer em direcção ao mar e vários homens do DRIL agarram nas armas.

Sotomaior surge à porta, com ar surpreendido.

O paraquedista está mais perto do navio, mas vai cair no mar.

Rojo leva a sua carabina ao ombro e faz pontaria.

O paraquedista agita alguma coisa na mão. É um lenço branco.

Nesse momento surge Henrique Galvão no convés, seguido por Velo Mosquera e Mortágua.

HENRIQUE GALVÃO

Alto. Ninguém dispara! Ele traz bandeira branca.

Atravessa o convés em passo rápido, em direcção à sala do leme.

SOTOMAIOR

Recolham esse tipo.

Henrique Galvão passa por Sotomaior sem o cumprimentar.

142. INT. SANTA MARIA / SALA DO LEME - DIA

Galvão entra na sala do leme, em direcção ao rádio. Este está de novo a emitir, ouvindo-se a voz do almirante Smith.

ALMIRANTE SMITH

(no rádio)

Santa Maria! Santa Maria! Alguém responda. Escuto.

O capitão agarra no microfone e leva-o à boca. Faz uma ligeira pausa, para deixar os restantes homens colocar-se à sua volta, e carrega no botão do intercomunicador.

HENRIQUE GALVÃO

(em inglês)

Aqui Santa Maria. Escuto.

ALMIRANTE SMITH

Com quem estou a falar?

HENRIQUE GALVÃO

Com o capitão Galvão...
(olha Sotomaior)
... comandante deste navio. E eu, com quem estou a falar?

ALMIRANTE SMITH

Almirante Allen Smith, comandante da armada americana no Atlântico Norte. Quem é esse paraquedista que foi lançado agora?

Galvão franze o sobrolho, surpreendido.

HENRIQUE GALVÃO

Isso esperava eu que me pudesse dizer? Este homem não é vosso?

ALMIRANTE SMITH

Não, não é.
(pausa)
Capitão Galvão, tenho ordens para acompanhar o seu navio até Porto Rico, onde serão desembarcados todos os passageiros.

HENRIQUE GALVÃO

Lamento, almirante, mas não entrarei em negociações enquanto os seus navios não apontarem baterias noutra direcção. Não negoceio sob ameaça.

ALMIRANTE SMITH

Já passámos a fase das negociações e das ameaças. Isto é uma ordem.

Henrique Galvão desliga o seu microfone e fica um momento em silêncio.

VELO MOSQUERA

Eles nunca dispararão sobre nós.

HENRIQUE GALVÃO

(em português)
A questão não é essa...

ALMIRANTE SMITH

Capitão Galvão...?

Liga de novo o microfone.

HENRIQUE GALVÃO

(em inglês)

Nesse caso, iremos mudar de rumo. Mas não para Porto Rico. O nosso destino é o Brasil.

ALMIRANTE SMITH

A desobediência a esta ordem terá consequências.

HENRIQUE GALVÃO

E nós estaremos aqui para as assumir.

Desliga novamente o rádio e olha para os companheiros.

143. EXT. SANTA MARIA / CONVÉS DA SALA DO LEME - DIA

Os marinheiros jogam uma bóia à água, amarrada, para recolher o pára-quedista.

144. EXT. SANTA MARIA / CONVÉS - DIA

Alfredo surge no meio dos passageiros que se amontoam no convés, tentando ver tudo o que se está a passar. Reconhece Mike junto à amurada e dirige-se para ele.

ALFREDO

O que se passa?

O pára-quedista está a ser recolhido na água pelo escaler enviado pelo Santa Maria.

MIKE

Ninguém sabe ao certo.

ALFREDO

São militares?

MIKE

Esperemos que não...

Alfredo olha para Mike com algum desprezo.

ALFREDO

Pois eu espero que os seus compatriotas tenham coragem para fazer o que tem de ser feito.

MIKE

Derrubar o regime de Salazar?

O coronel olha-o com raiva e afasta-se.

~~**145. EXT. SANTA MARIA - DIA**~~

146. INT. SANTA MARIA / SALA DO LEME - DIA

O páraquedista é trazido à presença de Sotomaior e Galvão. Percebemos então que é o mesmo JORNALISTA que temos visto a entrevistar Galvão no quarto do hotel.

JORNALISTA

(num inglês
abrasileirado)
Capitão Galvão?
(estende a mão)
James Frazer, do New York Times.

Galvão aperta-lhe a mão.

HENRIQUE GALVÃO

(em português)
Para americano fala bem português.

JORNALISTA

Vivi Alguns anos no Brasil, daí esta
minha pronúncia.

HENRIQUE GALVÃO

Belo número de circo que você montou para
vir até aqui.

JORNALISTA

Mas parece que cheguei no momento certo.

HENRIQUE GALVÃO

Se ter os canhões da sua armada virados
para nós é o momento certo...

JORNALISTA

Acredite em mim, capitão. O que você
precisa agora é de uma testemunha
imparcial para contar o seu lado da
história.

Nesse preciso momento o almirante Smith volta a estabelecer
comunicação.

ALMIRANTE SMITH

Capitão Galvão? Escuto?

HENRIQUE GALVÃO

Sim, almirante...?

ALMIRANTE SMITH

Vamos enviar emissários para averiguar a
situação dos passageiros americanos a

bordo. Agradeço que lhes seja facilitado o acesso a todo o navio.

HENRIQUE GALVÃO

Lamento, almirante, mas isso não vai ser possível.

ALMIRANTE SMITH

Não abuse da nossa paciência, capitão Galvão.

HENRIQUE GALVÃO

Enquanto este navio for território português, os seus homens só embarcarão no Santa Maria por convite ou pela força. E eu não estou a convidá-los.

ALMIRANTE SMITH

Se é essa a sua escolha...

O almirante Smith desliga o rádio e, no mesmo momento, Zé entra na sala de leme.

ZÉ

Uma lancha! Vem aí uma lancha.

147. EXT. SANTA MARIA / CONVÉS DA SALA DO LEME - DIA

Galvão sai da sala do leme com uns binóculos e espreita para o mar. O que vê confirma a informação:

PONTO DE VISTA DE GALVÃO - uma lancha cheia de MARINES americanos, com a bandeira dos EUA hasteada, dirige-se a toda a velocidade para o Santa Maria.

ZÉ

O que é que se vai passar, capitão?

Galvão olha-o com um sorriso.

HENRIQUE GALVÃO

Agora é que vamos separar os homens dos meninos.

(gritando)

Todos os homens armados. Formem ao longo da amurada! Depressa!

Dirige-se de novo para a sala do leme, onde os outros chefes o esperam.

JÚLIO

Vai ferver...

Zé não responde, mas faz rodar o tambor do seu revólver, inspeccionando-o enquanto se dirige para a amurada.

148. EXT. SANTA MARIA / CONVÉS DA SALA DO LEME - DIA

No outro convés, Alfredo olha para cima, para as movimentações que estão em curso. Vê os homens do DRIL tomar posição junto à amurada.

Olha para o mar, para a lancha que se aproxima e depois novamente para os homens do DRIL.

Vira-se e caminha para o interior do navio, com passo decidido.

149. INT. SANTA MARIA / SALA DO LEME - DIA

Galvão está agarrado ao rádio, falando num tom um pouco mais alto do que o normal.

HENRIQUE GALVÃO

(em inglês)

Repito, almirante - não vou autorizar o embarque de militares estrangeiros no meu navio. Eu tenho o dever de defender o território do meu país.

ALMIRANTE SMITH

Nós só queremos verificar a condição dos passageiros americanos a bordo.

HENRIQUE GALVÃO

Os passageiros americanos estão bem e recomendam-se. Mande os seus homens regressar, por favor.

À volta de Galvão estão os restantes chefes do DRIL. O momento é de tensão, como se pode ver nos seus rostos.

ALMIRANTE SMITH

Não vou dar essa ordem, capitão Galvão.

HENRIQUE GALVÃO

Então é sua a responsabilidade sobre o que possa acontecer.

150. INT. SANTA MARIA / CABINA DE ALFREDO - DIA

Alfredo entra na sua cabina, com ar frio e decidido.

Amália, que está sentada numa cadeirinha junto à escotilha, falando com Ivone, olha para ele.

AMÁLIA

Alfredo? O que foi?

O marido não lhe responde. Em vez disso abre a gaveta onde tem escondida A SUA ARMA, e agarra-a.

Amália ergue-se, sobressaltada.

AMÁLIA

Alfredo! Fala comigo!

Alfredo abre uma caixa de munições e começa a carregar a pistola, sempre em silêncio.

Ilda surge à porta da cabina, vindo do outro camarote geminado. Célia, surge atrás dela.

ALFREDO

Vocês não saem daqui, ouviram? Tranquem a porta e, aconteça o que acontecer, não saiam.

AMÁLIA

O que é que vais fazer? Responde-me!

ALFREDO

Está na hora de pôr fim a esta loucura.

O marido olha para ela, depois para Ilda, mas não diz nada. Enfia a caixa de munições no bolso...

AMÁLIA

Alfredo, não vás!

... e sai da cabina.

151. INT. SANTA MARIA / SALA DO LEME - DIA

Galvão e Sotomaior estão à porta da sala do leme, olhando...

... para a lancha que está cada vez mais perto. Já se conseguem ver os marines e estão fortemente armados.

Os homens do DRIL, nas suas posições ao longo da amurada, também se preparam para o combate que parece eminente.

JÚLIO

Se eu morrer, gostava que fosse à herói.

ZÉ

Ninguém vai morrer, Júlio. Isto é tudo a fingir.

JÚLIO

Pois olha que parece a sério.

Zé olha para Galvão que, de mão na cintura, e muito direito, espera a evolução da situação.

152. INT. SANTA MARIA / CABINA DO COMANDANTE - DIA

O comandante Maia está no seu camarote, espreitando pela escotilha, tentando perceber o que se está a passar no exterior.

Nesse momento ouve-se BARULHO no exterior do seu camarote, vozes abafadas, ruídos diversos. Maia olha para a porta...

...e esta é arrombada com fragor, assustando-o.

O imediato Inácio e mais alguns oficiais entram no camarote. Trazem FACAS DE COZINHA, FERROS e VARAP AUS, MACHADOS de bombeiro e outras ARMAS IMPROVISADAS.

INÁCIO

Somos nós, comandante.

Alfredo surge no meio deles. É o único que tem uma arma de fogo.

COMANDANTE MAIA

O que é que se passa lá fora?

ALFREDO

O que nós estávamos à espera.

O comandante agarra no seu boné e vai atrás deles. Quando chega à porta vê o corpo de um HOMEM DO DRIL desmaiado. O corredor está cheio de OFICIAIS e TRIPULANTES do navio.

153. EXT. SANTA MARIA / CONVÉS - DIA

A lancha dos marines está cada vez mais perto do navio.

Um PAI americano, que está com DOIS GAROTOS de 10/12 anos, olha para cima e vê um HOMEM DO DRIL puxar a culatra da sua carabina. O americano engole em seco e empurra os filhos com algum nervosismo.

PAI

(em inglês)

Vamos embora, vamos para dentro!

Depressa!

OUTRAS PESSOAS ao seu redor entreolham-se e ouve-se um certo burburinho.

O pai com as crianças, na ânsia de ir para dentro, empurra um outro HOMEM, que choca contra uma SENHORA. Subitamente gera-se um nervosismo geral e as pessoas começam a retirar-se para o interior do navio.

O que começa por ser um movimento mais ou menos ordenado, transforma-se quase de imediato numa debandada geral, atabalhoada, com as pessoas atropelando-se umas às outras.

154. INT. SANTA MARIA / CABINA DE ALFREDO - DIA

Amália está encostada à porta, bloqueando o caminho a Ilda. Ivone está sentada, o seu rosto muito branco. Célia, está sentada no chão e chora no seu colo.

ILDA

Eu tenho de ir, mãe. O pai vai fazer um disparate.

AMÁLIA

Não, não ...

ILDA

Se ele matar alguém, os outros matam-no a ele.

A mãe está completamente perdida, sem saber o que fazer.

ILDA

Por favor, mãe...

Ivone intervém.

IVONE

Deixa a tua filha ir, Amália, se não vamos perder o Alfredo.

Ilda olha-a com ar suplicante. Amália fecha os olhos e dá um passo para o lado, deixando a filha abrir a porta e sair para o corredor.

155. INT. SANTA MARIA / CORREDOR DE 2ª CLASSE - DIA

Ilda corre pelos corredores do navio, onde é grande a confusão.

Algumas PESSOAS espreitam pelas portas das cabinas, outras vêm a correr e refugiam-se apressadamente nos seus camarotes.

156. INT. SANTA MARIA / OUTRO CORREDOR - DIA

Ilda entra noutro corredor, avançando contra-corrente, esgueirando-se pelo meio da multidão.

O americano Mike vem no sentido contrário, fugindo do convés.

MIKE

Volte para dentro, Ilda. Venha comigo!

ILDA

O meu pai, onde está?

MIKE

Não sei - vamos, por favor.

Agarra no braço de Ilda, mas esta solta-se e mergulha de novo no meio da massa humana. Mike olha uma última vez para ela e deixa-se arrastar na direcção contrária.

Ilda, pelo contrário, continua a furar pelo meio da multidão que segue em sentido contrário, tentando aproximar-se da saída para o convés.

157. INT. SANTA MARIA / OUTRO CONVÉS - DIA

Entretanto, os oficiais amotinados, com Alfredo e o imediato Inácio à frente, atravessam o convés em direcção às escadas que levam ao convés superior, da ponte. O comandante Maia segue-os no meios dos restantes homens.

Deslocam-se pelo bordo oposto do navio, onde não há quase ninguém nem se vêem sinais dos homens do DRIL.

Alfredo faz sinal para os homens não fazerem barulho.

158. INT. SANTA MARIA / SALA DO LEME - DIA

Henrique Galvão, de rádio na mão, está de novo a falar com o almirante americano.

HENRIQUE GALVÃO

(em inglês)

É o último aviso, almirante. Se os seus homens tentarem a abordagem disparamos.

ALMIRANTE SMITH

Você não faria isso.

HENRIQUE GALVÃO

Não me teste, por favor.

ALMIRANTE SMITH

Um momento...

(pausa)

Vou desligar, capitão.

O almirante Smith corta a comunicação. Galvão e os outros elementos do DRIL, entreolham-se, expectantes. De súbito vindo do exterior, ouvem-se gritos de celebração.

MORTÁGUA

O que é isto?

Galvão aproxima-se da escotilha e espreita para fora.

159. EXT. SANTA MARIA / CONVÉS DA SALA DO LEME - DIA

Os homens do DRIL celebram de braços erguidos.

No mar, a lancha americana está a dar meia volta, começando a afastar-se do Santa Maria.

JÚLIO

Eles vão-se embora! Vencemos!

Júlio abraça o amigo, mas Zé não se deixa entusiasmar assim. Olha de novo para a sala do leme.

160. INT. SANTA MARIA / SALA DO LEME - DIA

Galvão está no interior, espreitando pela escotilha. Volta a agarrar no rádio.

HENRIQUE GALVÃO

Almirante Smith? Escuto!

(pausa)

Almirante Smith?

Os chefes do DRIL entreolham-se, sem perceberem o que se está a passar. Mortágua está por perto de Galvão.

Após alguns instantes em que se ouve apenas a estática no rádio, voltamos a ouvir a voz do almirante americano.

ALMIRANTE SMITH

Hoje é o seu dia de sorte, capitão.

HENRIQUE GALVÃO

Que houve?

ALMIRANTE SMITH

Sintonize na rádio, em ondas curtas, a "Voz da América" e terá a sua resposta.

O presidente Kennedy está a falar de
você.

Galvão olha em redor, e diz para Mortágua.

HENRIQUE GALVÃO

(em português)

A rádio! Sintoniza "A Voz da América"!
Depressa!

161. EXT. SANTA MARIA / CONVÉS - DIA

Ilda desemboca no convés, que agora tem menos gente. Olha para um
lado e para o outro, tentando orientar-se. Depois avança na
d direcção do convés da ponte.

162. INT. SANTA MARIA / SALA DO LEME - DIA

A mão de Mortágua está a sintonizar o receptor de rádio.

Todos estão debruçados sobre o aparelho.

Ouvimos finalmente uma voz reconhecível - é o presidente Kennedy,
discursando.

PRESIDENTE KENNEDY

(na rádio, em inglês)

O governo dos Estados Unidos da América
não considera a ocupação do paquete Santa
Maria como um acto de pirataria mas sim
como um assunto interno da política de
Portugal.

Os chefes do DRIL entreolham-se, expectantes.

PRESIDENTE KENNEDY

Como tal não iremos tomar nenhuma medida
de força contra o navio ou os seus
ocupantes.

Mortágua abraça Galvão.

MORTÁGUA

Vencemos, Galvão! Vencemos!

Galvão deixa-se cair numa cadeira, exausto e aliviado, e Sotomaior
abraça Velo.

Mas nesse preciso momento, antes que a celebração se possa
estender, ouvem-se novos gritos no exterior.

163. EXT. SANTA MARIA / CONVÉS DA SALA DO LEME - DIA

São os tripulantes do navio que surgem pelas costas dos homens do DRIL e os atacam.

Luta-se corpo a corpo no convés, com os tripulantes tentando tomar posse de algumas armas de fogo.

Alfredo tem a sua arma erguida, apontando para o céu.

ALFREDO

Agarrem armas!

Ilda surge também no convés superior, no cimo das escadas, com um ar assustado.

ILDA

(em voz baixa)

Zé...

Zé não repara nela, apenas olha na direcção de Henrique Galvão, que entretanto surgiu na entrada da sala do leme.

O capitão olha para Zé e grita qualquer coisa, que Zé não entende. O rapaz olha para a confusão que se estabeleceu - vê tudo confuso, uma massa de corpos indistintos.

Ilda chama-o mais alto, mas os gritos abafam as suas palavras.

ILDA

Zé!

Ilda repara em Alfredo, que avança na direcção de Henrique Galvão com a arma na mão. À sua esquerda um homem do DRIL é atingido com um golpe violento e cai; o seu agressor arranca-lhe uma carabina da mão.

Um MARINHEIRO agarra Zé por trás, tentando tirar-lhe a arma. Zé e ele rodam, numa luta confusa, e o rapaz consegue empurrar o marinheiro, que tropeça e cai. Repara em Ilda.

ZÉ

Ilda...?

Ilda vê o pai erguer a arma na direcção de Galvão e grita para ele.

ILDA

Pai! Não...!

Zé percebe a aflição de Ilda e olha na mesma direcção que ela está a olhar. Vê Alfredo fazer pontaria e também corre, na direcção de Henrique Galvão.

Alfredo é empurrado por DOIS HOMENS que lutam e não dispara.
Mas imediatamente a seguir tem nova oportunidade. Ergue a arma...
... Ilda grita de novo...

ILDA

PAI!!!

... Zé empurra outro homem que está no seu caminho...

... o tiro é disparado...

... e Zé interpõe-se entre a bala e Henrique Galvão, recebendo o tiro por ele. O impacto da bala pára a sua corrida e o jovem cai sobre um joelho, olhando para o peito.

Toda a gente pára, de repente, olhando na direcção de Zé.

Vários homens saltam sobre Alfredo, dominando-o antes que ele consiga disparar de novo.

ALFREDO

Larguem-me, larguem-me!

Todos os homens do DRIL e tripulantes param de lutar, como se aquele tiro lhes tivesse tirado todo o ânimo.

Henrique Galvão debruça-se sobre Zé, amparando-o. O jovem deixa-se tombar, sentando-se no chão, enquanto uma mancha vermelha começa a alastrar no seu peito.

HENRIQUE GALVÃO

Zé!

(para os circundantes)

Tragam o médico!

(para Zé)

Aguenta, rapaz, vais ficar bem.

Ilda chega e ajoelha-se ao lado deles. Tem os olhos marejados de lágrimas.

ILDA

Zé... porquê, Zé?

ZÉ

Eu...

(tosse)

... vou ficar bem...

Ilda agarra-o, erguendo-lhe o corpo, abraçando-o, chorosa.

ILDA

Vais, sim! Vais ficar bem.

Henrique ergue-se, desesperado.

HENRIQUE GALVÃO

Esse médico, onde está?

Zé olha para a camisa ensanguentada, e depois para Ilda.

ZÉ

Ilda...

ILDA

Não fales, meu amor. Não fales agora...

Ilda beija Zé nos lábios.

Zé sorri e olha uma última vez para Ilda, debruçada sobre ele, em contraluz. Num delírio ouve, em off, as palavras que Galvão lhe dissera antes, na cave em Caracas.

HENRIQUE GALVÃO (OFF)

Para ter um "ninguém" na vida, que seja assim bonita.

ILDA

Zé!

FADE A NEGRO.

FADE IN:

164. INT. SANTA MARIA / ENFERMARIA - NOITE

O olhar sério de Henrique Galvão.

O capitão está fardado a rigor, de pé, à porta da enfermaria do Santa Maria. Lá dentro, sobre a cama, está o corpo de José Ramos, de olhos fechados. Uma bandeira de Portugal, aberta, cobre-o.

Mortágua aproxima-se de Galvão.

MORTÁGUA

O desembarque já começou.

Galvão olha para o interior da enfermaria.

HENRIQUE GALVÃO

Diz aos homens que já vou.

Henrique Galvão entra na enfermaria e, com um gesto não isento de carinho, começa a dobrar a bandeira de Portugal.

165. EXT. SANTA MARIA / CONVÉS - DIA

O Santa Maria está fundeado ao largo do Recife.

Legenda: 2 DE FEVEREIRO DE 1961

PASSAGEIROS, em pequenos grupos, vestidos com coletes de salvação e transportando apenas as bagagens de mão, são encaminhados pelo convés por elementos da tripulação do navio.

~~**166. EXT. SANTA MARIA / CONVÉS - DIA**~~

Galvão surge no convés, carregando a bandeira dobrada na mão. Olha em redor.

Ilda, vestida de negro, está sentada numa zona abrigada. Tem os olhos vermelhos, mas secos. Galvão vem sentar-se ao lado dela.

A rapariga olha para ele por um momento. Depois volta a olhar para uma fotografia que tem nas mãos.

É a sua própria fotografia, que já conhecemos, mas agora está manchada de sangue.

Os dois ficam em silêncio. Depois Galvão dá-lhe a bandeira. Ela recebe-a com um soluço.

ILDA

Obrigada...

HENRIQUE GALVÃO

Pertence à esposa, por direito.

Ilda aperta a bandeira dobrada no peito. Galvão suspira fundo.

167. INT. QUARTO DE HOTEL - TARDE

Voltamos pela última vez ao quarto onde decorre a entrevista. Henrique Galvão fuma junto à janela.

O jornalista vem juntar-se a ele.

JORNALISTA

Diga-me uma coisa, capitão Galvão?
Sinceramente, off the record - acha que valeu a pena?

Henrique Galvão sorri.

HENRIQUE GALVÃO

Se nós não tivéssemos feito tudo isto,
você não estaria aqui a entrevistar-me,
pois não?

Olha para o exterior.

168. EXT. SANTA MARIA / CONVÉS - DIA

Vemos de novo, em registo quase épico, a cena do içar da faixa com o nome "Santa Liberdade", revendo alguns dos participantes do filme:

Mortágua...

... Sotomaior...

... Júlio...

...Mosquera...

HENRIQUE GALVÃO (OFF)

Ter estado naquele navio, com aqueles homens; ter vivido toda esta grande aventura - foi um privilégio que eu nunca pensei vir a ter.

... vários homens do DRIL...

... Ilda e...

... pendurado na zona da ponte de comando, estendendo a faixa, a figura inesquecível de Zé, com um sorriso no rosto.

A imagem CONGELA NESTE PLANO.

HENRIQUE GALVÃO (OFF)

Valeu a pena? Só o tempo o dirá.

FADE A NEGRO.

NEGRO ABSOLUTO

Corta para um fundo negro.

Sucedem-se as legendas:

NO FIM DE FEVEREIRO O SANTA MARIA VOLTOU A LISBOA

NESSE MÊS COMEÇOU EM ANGOLA A REVOLTA CONTRA O DOMÍNIO COLONIAL PORTUGUÊS

EM MARÇO FORTES MOVIMENTOS ESTUDANTIS AGITARAM O PAÍS

EM 1974 A REVOLUÇÃO DOS CRAVOS RESTITUIU A LIBERDADE A PORTUGAL

FADE OUT:

FIM